

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

GABRIEL ÁVILA LOURENÇO DE LIMA

**O EXÉRCITO BRASILEIRO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O PELOTÃO
DE CAVALARIA MECANIZADO**

Resende

2019

GABRIEL ÁVILA LOURENÇO DE LIMA

**O EXÉRCITO BRASILEIRO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIA E O PELOTÃO
DE CAVALARIA MECANIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras, como requisito parcial para a Conclusão do **Curso de Bacharel em Ciências Militares**, sob a orientação do Maj QCO Alexander Soares Elias.

Resende

2019

GABRIEL ÁVILA LOURENÇO DE LIMA

**O EXÉRCITO BRASILEIRO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O PELOTÃO
DE CAVALARIA MECANIZADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Academia Militar das Agulhas Negras, como requisito parcial para a Conclusão do **Curso de Bacharel em Ciências Militares**, sob a orientação do Maj QCO Alexander Soares Elias.

Resende, 19 de Junho de 2019.

COMISSÃO AVALIADORA

Alexsander Soares Elias – Maj QCO

Ajamir Brito de Melo – Cel Cav

Olavo Travassos Pereira da Silva – Maj Eng

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha irmã, que sempre me apoiou e deu suporte nos momentos difíceis da formação da Academia Militar das Agulhas Negras.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me iluminar durante a minha jornada na Academia Militar das Agulhas Negras, preservando minha saúde e perseverança na busca da conclusão deste curso, passando pela elaboração desta Monografia.

A minha família pela compreensão e incansável apoio durante minha passagem na AMAN, me concedendo a oportunidade de alcançar meus objetivos.

Aos meus instrutores, que na árdua tarefa de multiplicar nossos conhecimentos, me apoiaram na execução deste trabalho.

Ao Major Alexander Soares Elias, pelas suas orientações na preparação deste trabalho.

RESUMO

LIMA, Gabriel Ávila Lourenço de. **EXÉRCITO BRASILEIRO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: o pelotão de cavalaria mecanizado**. Resende: AMAN, 2018. Monografia

O presente estudo procura salientar a participação do 1º Esquadrão de Reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira durante o conflito da 2ª Guerra Mundial, sendo que esta foi uma participação de grande vulgo do Brasil em guerras, expondo as principais dificuldades e oportunidades de melhorias com relação às tropas de cavalaria. Portanto, o estudo visa apresentar os elementos derivados desta experiência, que resultaram na percepção da condição do Exército Brasileiro, aprofundando na cavalaria brasileira, em combate e delimitando os acertos e erros que concederam a vitória da FEB. Nesse contexto, o objetivo do trabalho se delimita a responder a seguinte questão: A atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento na FEB, apresentou alguma evolução na doutrina do pelotão de cavalaria brasileira? Atualmente essas alterações refletem em quais aspectos do pelotão de cavalaria mecanizada? Para isso, foi realizada uma pesquisa sobre o assunto com uma análise descritiva das ações do 1º Esquadrão de Reconhecimento na guerra, na qual apresentou-se a necessidade e evolução dos elementos operacionais de cavalaria na estrutura da Força terrestre para os dias atuais, no que tangem as missões desempenhadas durante o conflito anteriormente exposto. Através das informações levantadas, foi feita a análise de dados e apurado a conclusão de que a vivência do combate em solo estrangeiro, trouxe profundas transformações para a estrutura da cavalaria brasileira, principalmente a concepção de esquadrão e pelotão de cavalaria mecanizado, na forma de execução das missões desses elementos e na sua estrutura organizacional.

Palavras-chave: Força Expedicionária Brasileira. 1º Esquadrão de Reconhecimento. Cavalaria Brasileira. 2ª Guerra Mundial.

ABSTRACT

LIMA, Gabriel Ávila Lourenço de. **BRAZILIAN ARMY IN THE SECOND WORLD WAR**: the mechanized cavalaria squad. Resende: AMAN, 2018. Monograph

The present study tries to emphasize the participation of the 1st Squadron of Recognition of the Brazilian Expeditionary Force during the conflict of World War II, being that this was a participation of great common of Brazil in wars, exposing the main difficulties and opportunities of improvements with respect to the troops of cavalry. Therefore, the study aims to present the elements derived from this experience, which resulted in the perception of the condition of the Brazilian Army, deepening in the Brazilian cavalry, in combat and delimiting the correctness and errors that granted the victory of the FEB. In this context, the purpose of the work is delineated to answer the following question: Did the performance of the 1st Reconnaissance Squadron in FEB show any evolution in the doctrine of the Brazilian cavalry squad? Do these changes currently reflect in which aspects of the mechanized cavalry platoon? For this, a research on the subject was carried out with a descriptive analysis of the actions of the 1st Reconnaissance Squadron in the war, in which the necessity and evolution of the operational elements of cavalry in the structure of the Earth Force for the present day was presented, in the which relate to the missions carried out during the conflict set out above. Through the information gathered, the data analysis was carried out and the conclusion reached that the experience of combat in foreign soil brought profound transformations to the structure of Brazilian cavalry, especially the design of squadron and platoon of mechanized cavalry, in the form of execution the missions of these elements and their organizational structure.

Keywords: Brazilian Expeditionary, 1st Reconnaissance Squadron, Brazilian Cavalry, World War II.

LISTA DE ABREVIATURAS

1° DIE	Divisão de Infantaria Expedicionária
2° GM	Segunda Guerra Mundial
AC	Anti Carro
Bda	Brigada
Cav	Cavalaria
C.C.A.C	Cia de Canhões Anti – Carro
C Ex	Corpo de Exército
Cia	Companhia
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
Cmt Esqd	Comandante do Esquadrão
CPOR	Centro de Preparação de Oficiais da Reserva
DI	Divisão de Infantaria
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
EB	Exército Brasileiro
EM	Estado Maior
Eng	Engenharia
Esqd C Mec	Esquadrão de Cavalaria Mecanizado
Esqd Rec	Esquadrão de Reconhecimento
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FT-CC-Fuz	Força Tarefa – Carro de Combate - Fuzileiro
GC	Grupo de Combate
Mtr MAG	Metralhadora MAG
O.G.O	Ordem Geral de Operações
Pel C Mec	Pelotão de Cavalaria Mecanizada
Pel Fuz	Pelotão de Fuzileiros
Pel VBR	Pelotão de Viatura Blindada de Reconhecimento
RI	Regimento de Infantaria
R Op	Região de Operações
SEGAR	Segurança da Área de Retaguarda
Seç VBR	Seção de Viatura Blindada de Reconhecimento
TO	Teatro de Operações

TTP	Técnicas, Táticas e Procedimentos
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
VBTP	Viatura Blindada de Reconhecimento
VBR	Viatura Blindada de Reconhecimento
Vtr	Viatura

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – M-8 do 1º Esqd Rec	26
Figura 2 – Half Track.....	26
Figura 3 – M-8 Greyhound	27
Figura 4 – Jeep do 1º Esqd Rec.....	27
Figura 5 – M8 do 1º Esqd Rec Mec em Montese	35
Quadro 1 – Métodos de organização para o combate de um Esqd C Mec	41
Figura 6 – Organograma do Pel C Mec.....	42
Figura 7 – Organização do Pelotão de Cavalaria Mecanizado.....	44
Quadro 2 – Principais características da tropa de cavalaria mecanizada	45
Figura 8 – Exemplo de medidas de coordenação e controle	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS	13
3	REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	14
3.1	REVISÃO DA LITERATURA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA	14
3.1.1	Contexto histórico brasileiro no período da 2° Guerra Mundial.....	14
3.1.2	Cenário Global	14
3.1.3	Cenário no Brasil	18
3.1.4	A problemática da inserção da Força Expedicionária Brasileira na 2° Guerra Mundial	21
3.1.4.1	Características das tropas brasileiras.....	23
3.1.4.2	A necessidade em se adequar às missões no exterior.....	24
3.1.4.3	A dificuldade na adaptação ao material norte-americano.....	24
4	HISTÓRICO DO 1° ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO	26
4.1	PREPARAÇÃO DO ESQUADRÃO PARA GUERRA.....	26
4.2	CAMPANHA DA ITÁLIA	29
4.2.1	A Defensiva no Vale do Reno	30
4.2.2	Ataque a Castello.....	32
4.2.3	Ofensiva da Primavera	33
4.2.3.1	Ataque	34
4.2.3.2	Perseguição.....	36
4.2.3.3	Ação em <i>Collecchio</i>	36
4.2.3.4	Combate de Fornovo	37
4.2.3.5	Ocupação de Alessandria.....	38
4.2.3.6	O fim das operações.....	39
5	ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADA ATUAL	40
6	PELOTÕES DE CAVALARIA MECANIZADA ATUAL	42
7	RECONHECIMENTO	46
8	RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	49
8.1	RESULTADOS	49
8.2	ANÁLISE DOS DADOS	50
9	CONCLUSÃO.....	53
	REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

O tema a ser tratado no seguinte trabalho carrega grande importância para a história do Brasil e particularmente para a Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro. A participação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Segunda Guerra Mundial foi uma experiência ímpar e que gerou grandes reflexos e mudanças para a Força Terrestre; em destaque a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento, a única tropa de Cavalaria da FEB.

Assim, o presente estudo apresenta grande relevância para a cavalaria brasileira, uma vez que a história mais recente da participação do Exército Brasileiro em um contexto de guerra regular data do período compreendido pela Segunda Guerra Mundial, em sua participação na campanha da Itália (LOURO, 2015).

Portanto no que se refere à Cavalaria Brasileira fica restrito a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento, empregado no Teatro de Operações (TO) da Europa, possibilitando o estudo sobre a eficácia e eficiência daquela Subunidade, Táticas Técnicas e Procedimentos (TTP), bem como dos métodos de combate aplicados (LANDGRAF, 2013).

O foco da pesquisa está enquadrado à atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira e os reflexos para a Cavalaria Brasileira, mais especificamente para os pelotões de cavalaria mecanizados que dentro de suas missões executam, em sua maioria, as mesmas atribuídas ao 1º Esquadrão de Reconhecimento (MESQUITA, 2014).

O objetivo geral deste trabalho tem por base o estudo e análise da atuação dos militares de cavalaria do Exército Brasileiro no TO italiano, durante a Segunda Guerra Mundial, dentro do contexto da FEB como peça de manobra, identificando as dificuldades encontradas em sua formação, treinamento e adestramento, bem como operações executadas. Por fim, abordando a evolução doutrinária que ocorreu em relação aos pelotões de cavalaria mecanizada.

As principais fontes de consulta utilizadas foram livros, artigos de autores estudiosos do assunto, manuais de campanha da arma de cavalaria e livros biográficos com relatos de pessoas que viveram a situação da guerra, além de consultas a artigos disponíveis na rede de internet. A presente monografia está estruturada da seguinte forma:

No primeiro momento, é feita uma introdução ao trabalho, abordando a importância deste e aspectos referentes à pesquisa.

O segundo momento do trabalho, aborda o contexto histórico, destacando os fatos relevantes que antecederam a entrada do Brasil no conflito, a preparação do 1º Esquadrão de Reconhecimento. Após, são abordadas as fases da participação da tropa do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB na Guerra. Por fim, uma breve explanação sobre a doutrina de emprego do esquadrão de cavalaria e pelotão de cavalaria mecanizado na atualidade, e sobre as missões de reconhecimento.

Na terceira parte do trabalho é realizada uma análise dos fatos discorridos no trabalho e apresentando os resultados do estudo. Em derradeiro, como fechamento do trabalho, é feita uma conclusão sobre os resultados obtidos pelo presente estudo.

2 REFERENCIAL METODOLÓGICO E PROCEDIMENTOS

Através da análise dos reflexos da atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB na II Guerra Mundial para o pelotão de cavalaria mecanizada do Exército Brasileiro, foi elaborado o seguinte problema: A atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento na FEB, apresentou alguma evolução na doutrina de emprego do pelotão de cavalaria mecanizado do EB? Atualmente essas alterações refletem em quais aspectos do pelotão de cavalaria mecanizada?

Alega-se positivo a hipótese da atuação, a experiência da prática de combate e preparo da tropa de cavalaria brasileira dentro do cenário apresentado no TO italiano, servindo de base para a formação dos novos pelotões de reconhecimento da cavalaria brasileira que viriam a ser formados. Tais aspectos refletem atualmente na concepção de planejamento, preparo e logística das operações de reconhecimento dos pelotões de cavalaria mecanizada. Portanto para sustentar esta hipótese, foram levantados dados históricos sobre o assunto de modo a ser possível realizar a análise dos ganhos que representam esta experiência.

A fim de realizar a verificação da hipótese da pesquisa, adotou-se os procedimentos metodológicos descritos a seguir:

No primeiro momento foi feita uma pesquisa bibliográfica e na internet sobre a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB e seus pelotões, com o objetivo de obter-se suas principais ações e missões no conflito.

Logo constatou-se que, existem poucas obras e fontes de pesquisa que relatam a atuação do Esquadrão na 2º Guerra Mundial, foram encontrados trechos e passagens sobre as atividades desempenhadas pela unidade dentro de publicações sobre a FEB e a II Guerra Mundial. Portanto, a principal fonte de consulta utilizada na pesquisa foi o relatório do General Plínio Pitaluga confeccionado em 1947 ao término da missão como comandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento, bem como documentos históricos que remetem ao período.

Na análise dos dados, foi feita uma abordagem qualitativa acerca de período de atuação em combate no TO italiano.

3 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

A pesquisa realizada aborda o tema Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial e o Pelotão de Cavalaria Mecanizado, campo de pesquisa inserido na área de história militar.

3.1 REVISÃO DA LITERATURA E ANTECEDENTES DO PROBLEMA

Procurando informações sobre como se deu a atuação do pelotão de cavalaria mecanizado, foram pesquisados alguns autores procurando identificar os principais fatos a serem abordados no trabalho.

A melhor fonte de consulta encontrada sobre a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB é o relatório confeccionado pelo General Plínio Pitaluga, por ocasião do retorno ao Brasil após o término da guerra. No entanto, existem publicações que fazem referências a conceitos e situações sobre o 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB no TO italiano.

Complementando a solução do problema levantado, utilizou-se manuais de campanha referentes a Arma de Cavalaria do EB.

3.1.1 Contexto histórico brasileiro no período da 2ª Guerra Mundial

Para compreender a atuação da Força Expedicionária Brasileira e, particularmente, do 1º Esquadrão de Reconhecimento, durante o conflito da Segunda Guerra Mundial, é necessário analisar o cenário político e econômico que se instaurou antes do início da guerra. O período que ficou conhecido como “entreguerras” foi dotado de diversas mudanças no cenário internacional (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 261).

3.1.2 Cenário Global

Com a vitória aliada na Primeira Guerra Mundial ocorreu a adoção do regime democrático-liberal por diversos países como Tchecoslováquia, Polônia, Alemanha e Áustria, embora a dificuldade imposta pela crise econômica em detrimento ao antigo conflito, os regimes mantiveram-se firme (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 261).

Na Itália, como resultado aos seus problemas econômicos decorrentes dos esforços de guerra, com fábricas destruídas, plantações devastadas e uma grande dívida externa o governo parlamentar italiano não conseguiu suprimir as revoltas e saques impulsionados por elementos de esquerda ligados ao comunismo e anarquismo que ocorriam por toda a nação. Como resultado a burguesia conservadora, temendo o avanço das forças de esquerda, passaram a apoiar um partido de extrema-direita, ultranacionalista denominado fascista (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 261).

Em 1922, os fascistas realizaram a “Marcha sobre Roma” que resultou na abdicação do rei italiano Vítor Emanuel III e que nomeou Mussolini para o cargo de primeiro-ministro. O novo líder fascista calou as oposições e implementou uma série de medidas severas para restaurar a ordem social e aliviar os problemas econômicos (LACERDA; SAVIAN, 2015 p. 262).

Na Europa Oriental, em 1922, por meio da liderança de Vladimir Lenin revolucionários comunistas instauraram na Rússia um estado totalitário de extrema-esquerda, denominado de União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Com a morte de Lenin, Josef Stalin assumiu o poder e expulsou ou executou seus opositores. Stalin passou a adotar uma economia planificada, com objetivo de equipara a produção agrícola e industrial soviética com as grandes potencias ocidentais. Para isso estabeleceu planos quinquenais, fixando metas de produção que deveriam ser atingidas a qualquer custo (LACERDA; SAVIAN, 2015 p. 262).

Não demorou muito para a nova estabilidade mundial ser ameaçada pelo problema de superprodução norte-americano, durante a metade da década de 1920 o mercado de ações da Bolsa de Valores começou a degradar-se, o grande número de investidores em ações que não correspondiam mais ao seu real valor resultou na “quebra” da Bolsa de Nova Iorque. Tal fato ocorreu porque a economia dos países europeus havia se recuperado gradativamente passando a importar menos dos Estados Unidos e a competir com o mercado norte-americanos no mercado internacional (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 263).

Sobre os tratados de paz da I Guerra Mundial, o marechal francês Ferdinand Foch (1922) declarou que “isso não é paz. Isso é um armistício por vinte anos” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 261).

Os Estados Unidos, para combater a crise decidiram reduzir drasticamente a importação de produtos estrangeiros e suspender ou cobrar os empréstimos a outros países. A crise propagou-se e o período de crise econômica internacionalmente que sucedeu ficou conhecido como a “Grande Depressão” (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 263).

Os países que recém haviam instaurado um regime democrata-liberal foram atingidos pela crise e substituíram os regimes por autoritários.

Na Alemanha o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nazista), de naturezas fascistas, liderado por Adolf Hitler aproveitou-se desse período para chegar ao poder. Conforme relata Waack, “em certo sentido, o III Reich não começou no dia em que Hitler se tornou chefe do governo em Berlim, suas origens são múltiplas” (2015, p.290).

Hitler a procura de estabelecer o Lebensraum, que é o espaço vital para que os alemães pudessem se tornar uma potência, propagou a política de expansão territorial da Alemanha, objetivando o Pan-Germanismo, ou seja, a união dos povos germânicos em um grande Estado (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 264).

Esse Estado ficaria restrito aos germânicos (arianos), considerados pelo nazismo como “raça” superior. Para atingir tais objetivos, o líder alemão, tencionava a conquista de territórios na Europa Oriental e retirar o convívio alemão de grupos étnicos minoritários (judeus, eslavos e ciganos), vistos, pela sua política como os responsáveis pela crise da Alemanha (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 264).

Em semelhança aos acontecimentos na Alemanha são destacados por Lacerda e Savian (2015, p. 265):

No Extremo-Oriente, a crise econômica também atingiu o Japão. O País do Sol Nascente, com um governo nacionalista-militarista que tinha o objetivo de proporcionar ao país a autossuficiência econômica, a segurança militar e um papel de liderança regional estabeleceu planos expansionistas que previam o controle da região da Manchúria, das Índias Orientais, da Indochina, Birmânia e Malásia.

Após a Primeira Guerra Mundial, as potências militares passaram a seguir diferentes rumos com relação ao preparo de suas tropas e estratégias militares. Com ênfase em operações defensivas os franceses basicamente construíram uma linha de defesa sólida, Linha Marginot, que se estendia da Suíça até a Bélgica. Os ingleses optaram por aprimorar sua força aérea e marinha negligenciando o exército.

Os norte-americanos por estarem isolados não investiram na modernização de suas tropas, no entanto constituiu uma marinha forte equipando-se com porta aviões (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 266).

Japão e Alemanha passaram a equipar-se adestrando suas tropas e modernizando suas forças armadas. Com apoio soviético ocorreu o reaparelhamento do aparato militar japonês concentrando-se em carros de combate e aviões. Por sua vez o Japão organizou sua base industrial nos Urais e na Ásia, que proporcionaria suporte as operações (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 266).

A Alemanha, apesar das restrições do Tratado de Versalhes, através de acordos militares secretos com os soviéticos, os alemães foram capazes de instalar fabricas, desenvolver equipamentos, treinar tropas e pilotos em território da URSS. O exército alemão passou a treinar seus milhares dois postos acima, para desempenhar papel de comandantes perante os civis convocados pelo serviço militar. Ocorreu o incentivo de agremiações recreativas, como clubes aeronáuticos e de tiro, onde se ensinavam as primeiras lições aos futuros membros das forças armadas (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 266).

Em 1931, os japoneses iniciaram sua campanha e seus projetos expansionistas ao invadirem o território chinês da Manchúria e em seguida, passaram a avançar sobre outras áreas chinesas, intensificando o conflito. A Liga das Nações, não se mostrou capaz de solucionar a crise japonesa e os membros japoneses retiraram-se da liga (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 267).

O sucesso japonês e a fraqueza da Liga das Nações, encorajou Mussolini a atacar, em 1935, a Abissínia (Etiópia), que fora incorporada ao império italiano. Hitler em 1936 utilizou a Guerra da Espanha para testar seus novos aparatos e estratégias militares, o conflito se estendeu até 1939 (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 267).

Inglaterra e França haviam adotado uma política de apaziguamento, da qual Hitler se aproveitou para expandir o território alemão. No ano de 1939, Mussolini ocupou a Albânia e Hitler a Tchecoslováquia. Com a Liga das Nações totalmente desacreditada, Hitler voltou-se para a Polônia. No dia 1º de setembro de 1939, após concluir o pacto de não-agressão com a URSS e aliar-se com a Itália através do Pacto de Aço, Hitler ordenou a invasão da Polônia e imediatamente os franceses e ingleses declararam guerra à Alemanha dando início a Segunda Guerra Mundial (LACERDA; SAVIAN, 2015, p. 268).

Em 16 de setembro de 1939, a URSS, ocupou parte do território polonês, com o intuito de tirar proveito das condições reinantes no leste europeu, invadiu também a Finlândia e anexou a Letônia, Estônia e a Lituânia, mediante acordos de assistência mútua com a Alemanha (FARIA, 2015, p. 232).

Em abril de 1940 os alemães invadiram a Dinamarca e a Noruega. Apesar de aliados a URSS não viu com bons olhos as ações alemãs. Finalmente em maio do mesmo ano os alemães iniciaram as hostilidades contra a França, invadindo seu território pela Holanda, Bélgica e Luxemburgo, derrotando o Exército Francês e a Força Expedicionária Inglesa, em pouco mais de cinco semanas de fulminantes batalhas (FARIA, 2015, p. 232).

3.1.3 Cenário no Brasil

No Brasil, o Estado Novo foi implantado por Getúlio Vargas, em 1937, o congresso havia sido fechado, e a censura implantada à imprensa e líderes políticos e sindicais foram presos. Vargas apoiava-se em uma constituição centralizadora e autoritária, que havia muitos pontos em comum com as ditaduras fascistas na Europa (FARIA, 2015, p. 232).

Getúlio Vargas passou a valorizar seu governo, criando o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), inspirado no aparelho nazista de propaganda, idealizado por Joseph Goebbels, na Alemanha. A "Hora do Brasil", introduzida nas rádios brasileiras, mostrava os feitos do governo e escondia a repressão política praticada contra uma sociedade pouco organizada e pouco esclarecida. Por outro lado, Vargas criou o salário mínimo e instituiu a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), dentre outros benefícios de cunho social (FARIA, 2015, p. 232).

Após o início da Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Polônia pelo Exército Nazista, a ideologia do Estado Novo apontava um alinhamento com os países do Eixo (Alemanha, Japão e Itália). Em seu discurso sobre a invasão à Polônia Vargas deixa claro sua simpatia pelo estilo de regime:

Marchamos para um futuro diverso de tudo quanto conhecemos em matéria de organização econômica, política e social. Passou a época dos liberalismos imprevidentes, das demagogias estéreis, dos personalismos inúteis e semeadores da desordem (VARGAS, 1939 apud FARIA, 2015, p. 232).

Logo durante o início do conflito, o Brasil se manteve neutro em decorrência de decisão tomada em outubro de 1939 pelos chanceleres das três Américas que se reuniram no Panamá, com o propósito de se manterem neutros diante dos graves acontecimentos que agitavam a Europa (FARIA, 2015, p. 232).

Na historiografia é de certo modo consensual que o Brasil fez “jogo duplo” em relação aos EUA e a Alemanha, no período que antecede a 2ª Guerra com a finalidade de barganhar. Tal jogo fora-lhe facilitado pela crescente participação alemã no comércio exterior brasileiro no período de 1934 a 1938, concomitantemente com o declínio da presença tanto norte americana quanto inglesa nas compras e vendas do país (CERVO; BUENO, 2001, p. 20 apud ANDRADE, 2011, p. 11).

Ferraz (2005, p. 17) relata que “a divisão existente dentro do governo brasileiro, entre os partidários da aproximação comercial e estratégica com os alemães e os da aproximação com os norte-americanos [...]”, ressaltando o que chama de “[...] dilema do governo brasileiro em sua política externa” (FERRAZ, 2005, p. 17). Porém, as relações entre o Brasil e os Estados Unidos foram marcadas pela evolução da Segunda Guerra Mundial. Estes pretendiam instalar bases militares no Nordeste brasileiro que por sua proximidade relativa com a África assumia grande importância estratégica. O objetivo principal era garantir a defesa do continente de uma possível invasão alemã ou de um de seus aliados, além disso, era ideal como ponto de apoio para o deslocamento de aeronaves do continente que se dirigissem para a África ou Europa (FARIA, 2015, p. 234).

O envolvimento do Brasil na Guerra iniciou-se em março de 1941, quando ocorreu o primeiro incidente de guerra, o navio mercante Taubaté, que navegava entre Chipre e Alexandria, no mar Mediterrâneo, fora bombardeado e metralhado por um avião da *Luftwaffe* (Força Aérea Alemã). Apesar da morte de um tripulante, do ferimento de outros treze e dos protestos da diplomacia brasileira, o governo alemão mostrou-se insensível ao fato (FARIA, 2015, p. 236).

Em seguida o ataque à base aeronaval de *Pearl Harbor* em 7 de dezembro de 1941 fez com que os Estados Unidos desenvolvessem intenso esforço diplomático para unir a América no esforço de guerra. Nesse contexto, as relações com o Brasil ganharam maior significância política (FARIA, 2015, p. 234).

Assim o governo de Vargas, rompeu relações com os países do Eixo, em 28 de janeiro de 1942, em solidariedade à Doutrina Monroe e ao Acordo firmado na Reunião dos diplomatas das Américas em Havana-Cuba, em julho de 1940, o qual

determinava que, qualquer atentado a países das Américas seria considerado ato de agressão a todos. Os debates que precederam a tomada de posição brasileira foram dotados de opiniões contrárias ao rompimento com os países do Eixo (FARIA, 2015, p. 234).

O General Góis Monteiro enviou uma carta ao Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, afirmando que o Brasil estava totalmente despreparado para enfrentar a guerra. A afirmação foi endossada pelo próprio Ministro em documento ao Presidente Vargas propondo o adiamento do rompimento de relações diplomáticas com o Eixo, alegando a falta de capacidade de aparato bélico para garantir a territorialidade brasileira (FARIA, 2015, p. 234).

Frente à posição de fragilidade do Brasil Vargas optou por pedir apoio ao governo norte-americano para obter o fornecimento de armamento, a concessão de créditos e assistência técnica para implantar no Brasil indústrias siderúrgicas e bélicas, tudo isso em troca de aquisição preferencial de borracha e minérios (FARIA, 2015, p. 234).

O navio mercante brasileiro Cabedelo foi o primeiro a desaparecer, em fevereiro de 1942, torpedeado pelos alemães, quando se dirigia da Filadélfia (EUA) para o porto de Cabedelo (Paraíba) (FARIA, 2015, p. 236).

Segundo Ferraz (2005, p. 41), “a opinião pública reagiu revoltada com protestos, comícios, passeatas e ataques a clubes, associações e empresas de propriedades de cidadãos dos países do Eixo, nas principais cidades do país”.

A represália alemã a não observação da neutralidade brasileira manifestou-se em ataques feitos pelos submarinos do Eixo (alemães e italianos) à navios mercantes brasileiros, a partir de fevereiro de 1942, com a finalidade de interromper o transporte marítimo entre o Brasil e países do Atlântico Norte, especialmente, os EUA (CERVO; BUENO, 2001, p. 263 apud ANDRADE, 2011, p. 12).

Faria (2015, p. 236) explica que:

[...] o período até a declaração de guerra contra a Alemanha e a Itália, em 22 de agosto de 1942, caracterizou-se por uma série de incidentes de navios mercantes brasileiros sendo afundados pela ação naval alemã. Depois da declaração de guerra, outros doze navios foram afundados, totalizando, aproximadamente, um terço da Marinha Mercante Brasileira e provocando a morte ou o desaparecimento de 971 pessoas, dentre tripulantes e passageiros

Para Ferraz (2005, p. 41) “o ataque aos navios mercantes brasileiros levou o Brasil à guerra de fato”.

Em 27 de agosto de 1942, os membros da Comissão Militar Mista de Defesa Brasil – Estados Unidos, reunida em Washington, deliberaram quanto à participação do Brasil na guerra,

[...] chegando à conclusão sobre o envio de um Corpo de Exército, a três Divisões de Infantaria (DI), mais os elementos de apoio e um grupo de Aviação de Caça da FAB, à África ou à Europa, com organização igual às adotadas pela doutrina militar norte-americana. Também, os Estados Unidos forneceriam o material bélico e os artigos de subsistência pelo "Lend Lease", com a previsão de 50% do material de uma DI ser entregue no Brasil para treinamento das Divisões brasileiras, e ofereciam estágios de instrução militar para oficiais brasileiros nos EUA e o envio de militares norte-americanos como instrutores para o Brasil (FARIA, 2015, p. 236).

De acordo com Ferraz, a escalada da crise que levou o Brasil a guerra progrediu de forma muito rápida reportando que “[...] em 22 de agosto de 1942, o presidente Getúlio Vargas, após reunião com seu ministério, declarou estado de beligerância contra o Eixo” (2005, p. 8), e “em 31 de agosto declara formalmente guerra a esses países” (2005, p. 41).

3.1.4 A problemática da inserção da Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial

Durante o tempo entre a declaração de guerra e a formação do contingente a ser enviado ao TO italiano, ficou claro a deficiência da tropa quanto as condições para desempenhar um papel eficaz no combate. Nesse sentido, para suprir a deficiência de material, por exemplo, houve o fornecimento do material bélico e de toda a ordem pelos países da Aliança. O plano de enviar as três Divisões de Infantaria (DI), mostrou-se inviável. A conjuntura da economia brasileira era tão atrasada que começava a afetar a infraestrutura para o esforço de guerra, comprometendo qualquer intenção da nação brasileira de apoiar suas tropas e aliados nos campos de batalhas na Europa. Eram necessárias mudanças na forma econômica do Brasil, adequar-se ao novo cenário apresentado pelo conflito (FARIA, 2015, p. 238).

Segundo Ferraz (2005, p. 51):

Devido à falta de navios nacionais em condições de levar em segurança a FEB como um todo, as autoridades militares brasileiras tiveram de apelar para os navios-transporte americanos e proceder ao embarque em cinco escalões, com mais ou menos 5 mil homens em cada um.

De acordo com Pitaluga (1947, p. 145 apud ANDRADE, 2011, p. 12):

Se fossemos utilizar os nossos navios de transporte para conduzir os 25.000 homens para Itália, nós iríamos levar mais de um ano. Foi necessária a cooperação de navios americanos com capacidade de transportar 6.000 homens para, em poucas viagens, desloca todo o efetivo para a península italiana.

Outro aspecto relevante era a utilização da doutrina militar francesa, considerada ultrapassada para a nova dinâmica com que ocorriam os combates. Segundo Maximiniano (2010, p. 41):

A doutrina militar francesa, introduzida no Brasil a partir de 1921, era orientada pela mentalidade de guarnecer defensivamente grandes extensões territoriais, aguardar que o inimigo tomasse a iniciativa e então responder com um contra-ataque em massa, o que trouxe para a França em 1940 resultados bem conhecidos, como o fiasco da Linha Margiot.

A busca pela modernização do EB, a fim de atender as novas necessidades, forçou o abandono dessa doutrina. Para isso, o Presidente Getúlio Vargas assinou termos de cooperação militar com os Estados Unidos, pelo qual possibilitou a ocorrência de intercâmbio de alguns oficiais brasileiros com militares dos EUA, absorvendo, em parte a doutrina militar americana (FARIA, 2015, p. 246).

A dificuldade em selecionar o pessoal a desempenhar as tarefas essenciais para a Força foi outro obstáculo a ser superado. Existiam poucos qualificados para os serviços como mecânicos, eletricitas, radiotelegrafistas. A falta de oficiais foi suprida pelos reservistas convocados, estes que haviam estudado no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR). Assim, o pessoal selecionado não havia passado por rigorosa seleção física e psicológica, fatores esses que eram de vital importância para o bom cumprimento das tarefas e missões que lhes seriam atribuídas em batalha (FARIA, 2015, p. 236).

3.1.4.1 Características das tropas brasileiras

A despeito da demora de dois anos entre a declaração de guerra oficial e o decorrente envio das primeiras tropas brasileiras, era consenso que o Brasil não estava preparado para adentrar ao conflito. A indústria estava em pleno início de sua modernização e nunca havia sido testada em um conflito de tamanha proporção, havia deficiência no que tange a mão de obra qualificada para os principais serviços nas Forças Armadas: faltavam eletricitas, motoristas, mecânicos de automóveis, radiotelegrafistas, profissionais especializados em conserto de rádios, entre outros. O investimento na tecnologia de armamento e munições, tal como na engenharia de transportes pertinentes à época era baixo e decadente. Na Aeronáutica o processo de modernização de equipamentos tinha acabado de começar com a aquisição de aviões de fabricação americana (FARIA, 2015, p. 245).

No mesmo sentido, Maximiniano, referindo-se as novas capacidades necessárias ao exército da época, registra que:

[...] um exército moderno não depende somente de força muscular; precisava também de homens capacitados a fazer cálculos nas centrais de tiro de artilharia, e nos pelotões de morteiros, de homens com conhecimentos básicos de anatomia para trabalharem nas enfermarias, de mecânicos e motoristas e também de homens capacitados a lerem mapas e se orientarem por azimutes e bússolas (MAXIMINIANO, 2010, p. 39).

A respeito das carências de material da FEB, Ferraz (2005, p. 44) discorre:

A força terrestre brasileira, em 1942, refletia fielmente as carências de toda a ordem de sua sociedade. As armas, munições e equipamentos originavam-se de fornecedores de diversos países, alguns dos quais em guerra contra o Brasil; havia carência de carros de combate, equipamentos de comunicações, engenharia, logística e peças de artilharia até para a defesa das fronteiras contra os tradicionais “inimigos potenciais do Prata”.

De acordo com Faria (2015, p. 239) sobre as condições dos vasos de guerra:

A Marinha era detentora de embarcações muito antiquadas, que não se encaixavam na modalidade de guerra submarina daquele período, essa como até as Marinhas britânicas, americanas e soviéticas, ainda se debruçavam nas fórmulas de combate consistentes e bem-sucedidas do cenário da Primeira Guerra Mundial.

Sobre o Exército, o referido autor reporta que:

[...] sua doutrina de emprego obedecia aos regulamentos de característica francesa e seu armamento e equipamento, na sua grande maioria, tinha origem estrangeira, sendo antiquados e em número insuficiente para atender as exigências do conflito (FARIA, 2015, p. 238):

Assim, o Exército, além da falta de pessoal e necessidade de reaparelhamento, carecia de atualizar-se na forma de treinamento tanto para o emprego fora de seu território quanto na sua doutrina de combate.

3.1.4.2 A necessidade em se adequar às missões no exterior

Sendo a FEB uma tropa a pé, com somente uma companhia de transporte e as unidades de Artilharia e Engenharia sendo motorizadas, foi preciso que ocorresse a moto-mecanização da Artilharia, forma cedidos caminhões próprios às suas novas necessidades, para que constituíssem um grupo de combate motorizado, assim como o “Grupamento Coronel Nelson de Mello” que recebeu dois pelotões de tanques médios (Sherman) e dois pelotões de destruidores de tanque (M10), pertencentes ao 894 Batalhão de Destruidores de Tanque dos Estados Unidos. Em adição a adequação a missão era necessário o preparo para o tipo de condições climáticas e disposição das tropas as quais às brasileiras teriam de trabalhar em conjunto para resistirem e lutarem em harmonia com os aliados (ANDRADE, 2011, p. 14).

3.1.4.3 A dificuldade na adaptação ao material norte-americano

O Exército baseava-se na forma de combate da Escola Francesa e, a partir do momento em que decidiu apoiar os EUA, começou a firmar acordos de negociação no setor bélico para sua modernização. Em decorrência disso, houve a necessidade das tropas brasileiras aprenderem a manusear e utilizar os novos equipamentos de origem norte-americanos, afastando-se dos antigos ensinamentos e métodos de combate obsoletos da Missão Militar Francesa. Alguns oficiais brasileiros foram enviados ao EUA para obterem os conhecimentos necessários

para operar dentro da nova doutrina e treinar as tropas brasileiras dentro dos padrões exigidos (ANDRADE, 2011, p. 14).

Como resultado a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária pôde se equiparar diretamente ao formato de divisão norte-americana, que lhe garantiu forte poder de fogo e a capacidade de atacar em uma frente de até 6 Km. Dentro dos seus 14.254 homens, possuía 734 oficiais e 13.520 pracinhas. A FEB operava com 66 obuses e 144 morteiros, 500 metralhadoras, 11.831 fuzis, 1.156 pistolas cal. 45, 2.287 armas anticarro (13 canhões, 585 bazucas e 1.632 lança-granadas). Ademais era equipada com 1.410 viaturas motorizadas, dentre as quais 13 carros de reconhecimento M8 e cinco M3 de transporte meia-lagarta (ANDRADE, 2011, p. 15).

4 HISTÓRICO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO

Durante a criação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ªDIE) estava prevista a existência de 1 esquadrão de Cavalaria. Deste modo, o 2º Regimento Moto Mecanizado, sediado na cidade do Rio de Janeiro, então Capital Federal, recebeu a missão de preparar um Esquadrão para incorporar as fileiras da 1ª DIE e participar da Campanha da Itália, de acordo com o Decreto-Lei nº 6072-A, de 06 de dezembro de 1943. Como resultado, o 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta, publicado no Boletim Reservado do Exército nº22, de 28 de dezembro de 1943, que, em 13 de dezembro de 1943 adquiriu autonomia administrativa e, em 9 de fevereiro de 1944 foi incorporado a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária com o nome de 1º Esquadrão de Reconhecimento (LANDGRAF; 2013).

4.1 PREPARAÇÃO DO ESQUADRÃO PARA GUERRA

Assim como a 1ª DIE, a preparação do 1º Esquadrão de Reconhecimento teve de ocorrer às pressas (PITALUGA, 2001, p. 145 apud ANDRADE, 2011, p. 12).

Tivemos pouco tempo para nos preparar, senão vejamos: em fins de 1943 começaram a organizar as Unidades, que já existiam, dando-lhes uma estrutura maior; em julho do ano seguinte, nós estávamos embarcando para Itália; e, em setembro, entramos em combate (PITALUGA, 2001, p. 145 apud ANDRADE, 2011, p. 12).

O 1º Esquadrão de Reconhecimento possuía 03 (três) Pelotões de Reconhecimento e 01 (um) Pelotão de Comando. Seu efetivo era de 156 militares, sendo 7 oficiais, 1 subtenente, 17 sargentos e 131 soldados (ANDRADE, 2011, p. 16).

Figura 1 – M-8 do 1º Esqd Rec



Fonte: Museu da FEB

Figura 2 – Half Track



Fonte: Museu da FEB

Os Pelotões de Reconhecimento atuavam dividindo-se em três patrulhas, com 03 tipos de carro: 01 carro blindado de reconhecimento M-8 Greyhound, dotado de 1 canhão 37mm, 2 metralhadoras .30 polegadas e 1 metralhadora .50 polegadas; 02 Jeep ¼ Ton, sendo que um Jeep conduzia uma peça de metralhadora .30 e o outro uma peça de morteiro 60mm; Além dessas, o Esquadrão também possuía viaturas Half – Track M-3 A-1 (ANDRADE, 2011, p. 16).

Figura 3 – M-8 Greyhound



Fonte: O autor (2019).

Dentre os armamentos de dotação utilizados encontravam-se: Carabinas calibre .30 M1 A2 e Fuzis Garand M1 de uso individual, de uso coletivo Metralhadoras Browning calibre .30 com tripé e HB calibre .50 M2, Morteiros 60mm, Sub metralhadoras calibre .45 M3, o armamento anti-carro se dispôs de canhões 37mm, Lança rojão 2.36 M1, Lança – granada M7, Lança – granada M88. Entre outros materiais e dispositivos de intendência, comunicações e contra gases (ANDRADE, 2011, p. 17).

Figura 4 – Jeep do 1º Esqd Rec



Fonte: Museu Capitão Pitaluga

O treinamento das forças brasileiras teve início no território nacional antes de embarcar para Itália, mesmo com a falta de todo o material norte-americano que

mobiliária as fileiras da FEB, tal decisão fora meramente a busca para suprir as precárias condições do treinamento (ANDRADE, 2011, p. 18).

Em consequência da difícil seleção de pessoal que fora realizada, a falta de pessoal especializado prejudicou o esquadrão. Assim, foram convocados oficiais R-2 que detinham experiência aquém da necessária e formação deficiente. Fatores que influenciaram diretamente no desafio de adestrar funções específicas como motoristas, mecânicos, rádio-operadores. Abordou-se principalmente a preparação física e a adaptação ao material norte-americano, sendo esse um fator positivo, pois possibilitou o contato com a nova doutrina (ANDRADE, 2011, p. 18).

A 09 de fevereiro de 1944 o 1º Esquadrão de Reconhecimento foi incorporado a 1ª D.I.E e a 11, deslocou-se para a região de barra de Guaratiba onde realizou o 1º acampamento, visando principalmente o melhoramento do estado físico. Um oficial do Exército Americano, da reserva, foi designado para permanecer adido ao Esquadrão, orientando o emprego e manutenção do material de origem americana (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p.18).

A segunda fase do treinamento realizou-se em território italiano, quando o grosso do Esquadrão se juntou ao 2º Pelotão que já havia sido deslocado para a Itália, ocorrendo a junção do efetivo total da Força Expedicionária Brasileira com as forças aliadas americanas destacadas no TO italiano (ANDRADE, 2011, p. 18).

O 2º Pelotão permaneceu em Bagnoli até o dia 30/VII/1944, quando foi transportado, em trem, para Tarquinia, onde começa receber material e intensifica a instrução de motorista e serviço em campanha. Um oficial e 5 praças foram aperfeiçoar os conhecimentos sobre armamento e minas, em Caserta. No dia 05 de agosto o 1º Escalão da FEB era incorporado ao Vº Exército Americano, de onde passou a receber as diretivas para a instrução, que entrou em uma fase intensiva, exigindo um esforço diário de 10 horas. No 18/VIII/1944 o 2º Pelotão seguiu para Vada, entrando na 2ª fase de treinamento tendo participado de grande exercício realizado ao norte de Vada. O oficial e praças fizeram estágio junto as unidades americanas que estavam em contato com os alemães (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 18.).

A preparação foi prejudicada por causa do atraso no recebimento do material, não ocorreram todos os treinamentos previstos até o momento de serem empregados. Contudo, com a instrução inicial focada na preparação física e no moral da tropa, o Esquadrão estava motivado em combate (ANDRADE, 2011, p. 18).

4.2 CAMPANHA DA ITÁLIA

Durante a campanha na Itália o 1º Esquadrão de Reconhecimento atuou em dois momentos distintos, a primeira fase com atuação distinta do 2º Pelotão e uma segunda com a atuação do grosso do Esquadrão (ANDRADE, 2011, p. 18).

O 2º Pelotão havia embarcado anteriormente junto ao primeiro destacamento da FEB enviado antes a Itália, estando sob o comando do general Zenóbio da Costa:

Foi organizado Destacamento brasileiro sob o comando do Exmo. Sr Gen Zenóbio da Costa que passou a atuar como uma grande Unidade do IVº Corpo de Exército. A 12 de Setembro o 2º Pelotão partiu para Ospedaletto (vizinha a Pisa) e a 15 desloca-se para Vechiano onde acampou e recebeu sua primeira missão de guerra (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p.19.).

Devido às características do terreno encontrado no Teatro de Operações italiano o 2º Pelotão de Reconhecimento se limitou a executar missões tipicamente de infantaria nesta fase, realizando patrulhas a pé devido à dificuldade da execução de patrulhas motorizadas, naquele tipo de terreno extremamente movimentado afirma Pitaluga (1947 apud ANDRADE, 2011, p. 19):

A natureza do terreno muito dificultava o emprego das patrulhas moto mecanizadas e nessa fase diversas patrulhas foram realizadas a pé, exigindo aos homens grande esforço principalmente por não possuir armas automáticas apropriadas para suas missões (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 19).

Desta maneira, o 2º Pelotão de Reconhecimento atuou cumprindo as missões a pé, até o início de novembro de 1944, quando se juntou com os elementos do 2º escalão e deslocou-se para o Vale do rio Reno. Em 10 de novembro do mesmo ano ficou em Capugnano, local onde ocorreu a junção do pelotão com o restante do Esquadrão que, no dia 16, passou a contar com o efetivo completo (ANDRADE, 2011, p. 19).

Deste momento em diante, dividimos as operações em que o Esquadrão atuou em proveito da 1º DIE em três fases: A defensiva no Vale do Reno, Ataque a Castello e Ofensiva da Primavera (ANDRADE, 2011, p. 19).

4.2.1 A Defensiva no Vale do Reno

A região estratégica do Vale do Rio Reno apresentava-se de grande importância para os aliados. As operações defensivas que se desencadearam em seguida executadas pelo Esquadrão focaram na cooperação com a 1ª DIE, como é possível verificar nas Ordens Particulares de Pitaluga (1947 apud ANDRADE, 2011, p.19):

A ordem particular número 11, do G2, prescrevia a seguinte missão:
Deslocar-se para a região de Gaggio Montano (550169) substituindo a tropa II/370 (americana) na zona de ação que lhe foi designada devendo”:

- a) Esforçar-se para manter a região.
- b) Vigiar as direções de acesso que venham ter a sua zona de ação, em particular as de Gaba (536152), Torracia (546173) e Morandela (547178).
- c) Inicialmente ligar-se
Ao II/370 em Boralle;
Ao T. F. (Btl. 435) em Cantra;
Ao II/1º (Cel. Del Camino)
- d) Informar diariamente as seis, doze e dezoito horas.

III) Meios, Esquadrão de Reconhecimento Artilharia (fogos a pedido)

Na ordem de operações percebe-se que o adestramento do Esquadrão em missões de vigilância e ligação estava sendo de extrema importância no Teatro de Operações italiano. De 16 a 17 de novembro de 1944, o Esquadrão deslocou-se para região de Cruciale, local onde se encontravam os postos avançados de combate norte-americanos. Devido o perigo apresentado pela artilharia alemã aos carros de reconhecimento, os mesmos não foram posicionados na região em virtude de serem alvos fáceis e sendo abatidos comprometerem as continuidades das operações no TO italiano. As operações se deram sem interferência do inimigo ocorrendo com facilidade (ANDRADE, 2011, p. 20).

Nessa mesma noite o 3º Pelotão penetrava em Gaggio Montano, sem encontrar com elementos alemães. Retraiu-se pela manhã continuando em posição em Cruciale; enquanto o 1º Pelotão achava-se em Seretone o 2º Pelotão em reserva. As ligações com o Tank Force 45 foram realizadas as 10 e 15 horas (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 20).

Em 18 de novembro de 1944, ocorre o primeiro contato com as tropas alemãs que haviam atacado as tropas brasileiras com armas automáticas nas encostas de Morandela. Nesta fase da operação o Esquadrão desempenhou missões de reconhecimento, segurança e aproveitamento do êxito, coerente com a doutrina

norte-americana. O Esquadrão foi utilizado em proveito ao II Grupo Blindado da brigada blindada americana executando tais tipos de missões. Em razão dos efetivos reduzidos, ocorreu dificuldade na realização das missões impostas a tropa, devido as largas frentes de emprego e manobras logísticas como reabastecimento e remuniamento, sendo obrigado a parar o movimento (LANDGRAF; 2013).

“O Esquadrão, no dia 26, foi liberado do II Grupo Blindado e recebe ordem de organizar a defesas do Morro del Oro, Columbra, Giadino, Braine, Braineta vigiando em direção a Roca Pitigliana e patrulhar o Vale do Marano” (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 20).

Conforme Pitaluga (1947 apud ANDRADE, 2011, p. 21), “a frente considerável para um efetivo pequeno, pois os Pelotões ficaram reduzidos a 20 homens, impõe grande trabalho principalmente na parte de reabastecimento e remuniamento”.

Resultado do ataque do 1º Regimento de Infantaria - O.G.O, a partir de 12 de dezembro de 1944, existe um breve período de estabilidade durante as operações que logo se vê apresenta as dificuldades climáticas impostas a tropa. A neve implicou dificuldades na execução das patrulhas noturnas, resultado da falta de uniformes condizentes com o ambiente (LANDGRAF; 2013).

Dando continuidade nas missões de patrulhamento e vigilância, o Esquadrão deslocou-se para Granaglione em virtude da necessidade de descanso e recuperação do material. Contando com inúmeras baixas o contingente brasileiro passou a dar continuidade nas instruções, visando grande preocupação, reorganização e preparação das tropas para as missões da primavera (ANDRADE, 2011, p. 21).

Independente das baixas ao hospital muitos eram retirados da frente, por 2 ou 3 dias e permaneciam em Sila para descanso. A instrução de tiro não foi abandonada principalmente de metralhadora .50 e realizada em Docce e Olmé. As viaturas de ¼ Toneladas muito sofreram principalmente devido ao estado das estradas, assim, ao sair de posição o Esquadrão estava com 10 viaturas necessitando de reparação de 3º escalão. Quanto a motorista de viaturas blindadas, falha foi maior, pois, uma baixa de 50% e as condições das estradas e da região permitiam a formação de novos motoristas (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 21).

É importante ressaltar o ocorrido de 29 de dezembro 1944 referente a evacuação para o Brasil do comandante do Esquadrão, Capitão Flavio Franco Pereira, por motivos de saúde, deixando o comando com o Tenente Plínio Pitaluga,

efetivando seu comando no dia 10 de janeiro de 1945 ao ser promovido Capitão (LANDGRAF; 2013).

Através da Ordem de Operações O.G.O número 14 o Esquadrão passou a reserva da 1º DIE. Tal manobra tinha o objetivo de promover a reorganização do Esquadrão. Em 16 de janeiro desloca-se par Bargo Capane e recebe novas missões.

Barrar uma rápida progressão

sobre Marano
sobre Porreta Terme
sobre Sila.

Execução

No 1º caso: No 2º caso: No 3º caso:

Barrar nas direções: Barrar nas direções: Barrar nas direções:

Riola – Marano; Gaggio Montano – Sila; Sila – Porreta;

Rocheta Mattei – Porreta; Marano – Sila; Lissano – Porreta;

Rocheta Mattei – Porreta; Castel de Cassio – Porreta.

Defesa contra Pára-quedistas; (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 21).

No dia 20 de janeiro de 1945, o Esquadrão recebeu a seguinte missão: “Impedir que elementos inimigos lançados de paraquedas, que atuem no setor da Divisão e pratiquem atos de sabotagem e espionagem” (PITALUGA, 1947, p.14 apud ANDRADE, 2011, p. 21).

Para atender as necessidades da missão foram mobiliados dois postos de vigilância, localizados em Poggio e outro em Varano, e, em Borgo Capane, foi montado um núcleo de resistência com uma reserva (LANDGRAF; 2013).

4.2.2 Ataque a Castello

Segundo Branco (1960), o Plano Encore em sua essência baseava-se em um ataque limitado na direção do Monte Belvedere – Castel d’Adriano – M. Pigna, com o intuito de eliminar todas as resistências inimigas posicionadas ao longo do divisor Reno – Panaro e levar a frente o IV C Ex para a mesma altura em que se encontrava a do II C Ex.

Foi dada a missão da 1º DIE de executar ataques a Monte Castello, estando em reserva o 1º Esquadrão de Reconhecimento (BRANCO; 1960).

Através da Ordem de Operações nº 18 e 29, o Esquadrão recebeu a missão de: “Deslocar-se, no dia D, mediante ordem, em condições de ser empregado, quer no eixo da estrada 64, quer no eixo de Sila a Gaggio Montano” (BRANCO; 1960).

Após a consolidação deste objetivo e dos demais montes como Belvedere, Della Torracia 958 e La Serra, pelas forças aliadas, a próxima etapa do Plano Encore era a varredura do Vale Marano. Sob o comando do Major Oliver, foi organizado um sub grupamento composto pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento, e a Companhia Anti- Carro do 1º Regimento de Infantaria, com a missão de estreitar o contato, verificar o valor das resistências inimigas e ocupar nova posição para caso de retraimento inimigo. Em 27 para 28 de fevereiro de 1945, o Esquadrão deslocou-se para Vidiciatico deixando os carros e os trens de combate, posicionando-se para a execução da escalada durante a madrugada, de Serracicia junto as tropas da 10º Divisão de Montanha Americana. “Coube ao Esquadrão o flanco do sub quartirão – Serracicia, as tropas da 10º Divisão de Montanha Americana já ocupavam as posições” (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 23).

São destacados alguns aspectos importantes no relatório de Pitaluga:

- Patrulhamento: realizados principalmente à noite, tinham baixo rendimento devido à neve e a falta de material apropriado;
- Suprimentos: grande dificuldade foi encontrada no ressuprimento, que era feito através de muares que iam até pontos intermediários, de onde ia ser buscado para ser levado até as posições. A falta de água era suprida através de recursos locais, como a neve. Ocorreram perda de materiais como munição, ração, mantas, fardamentos, muares e duas metralhadoras que caíram em abismos;
- Substituição: no dia 22 de março de 1945 houve a substituição pelo C.C.A.C do 6º RI e o Esquadrão estabeleceu pontos de vigilância em Poggio Forato e Madona del Acero para realizar a ligação com Task Force 45 e patrulhamento do vale do Dardagno;
- Instrução visando à Ofensiva de Primavera, em 23 de março de 1945 foi organizado um programa de instruções que tinha por finalidade melhorar a instrução no que diz respeito às ações ofensivas e desenvolver a resistência física da tropa.
- Perda de Oficial: “No dia 02 de abril de 1945, o cadáver do 2º Tem R/2 AMARO FELICÍSSIMO DA SILVEIRA, desaparecido quando comandava uma patrulha na região de Montiloco (20 de novembro de 1944) foi encontrado enterrado, na localidade” (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 23).

4.2.3 Ofensiva da Primavera

No período compreendido de 14 de abril à 2 de maio de 1945, ocorreu a Ofensiva da Primavera com o objetivo dos aliados de romperem a Linha Gótica e tomar o vale do rio Pó. A atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento pode ser analisada nas seguintes fases: Ataque, Perseguição, Ação em Collecchio, Combate

de Fornovo, Ocupação de Alessandria e Fim das Operações (ANDRADE, 2011, p. 23).

4.2.3.1 Ataque

O Esquadrão encontrava-se estacionado e foi substituído por um Cia do 30 RI (americana). Através da Ordem Geral de Operações (O.G.O) N° 33 de 13 de abril 1945, o Esquadrão, que estava em reserva até o presente momento, recebeu a missão de aproveitamento do êxito (ANDRADE, 2011, p. 24).

Deslocar-se para região de Tamburini, na jornada de 14, onde ficará em condições de aproveitar o êxito sobre Bertocchi e Ranocchio.
Execução: As 14:00 h do dia 14, o Cmt do Esqd recebeu ordem para deslocar para região de Tamburini, Campo Del Sole – Il Cerro (PITALUGA, 1947, p. 24 apud ANDRADE, 2011, p. 24.).

O Esquadrão permaneceu articulado na região de Campo Del Sole – Il Cerro, concluindo no dia 14 a ligação entre a 7° Cia do III/6° R.I e um pelotão de carros médios americanos na consolidação da tomada de Montese. Nos dias seguintes o Esquadrão, ainda em reserva, realizou missões de reconhecimento, conforme a ordem de busca de informações n° 26 (BRANCO; 1960).

Pela ordem de busca de informações n° 26, de G-2:

- I – Informações sobre o inimigo: Na frente da 1° DIE é nula a atividade de artilharia, morteiros e armas automáticas.
- II – Missão de busca de informações: Segundo o eixo Montese-Ranocchio, tomando contato agressivamente com elementos retardadores de suas retaguardas e reconhecer as margens do Panano
- III – Zona de ação SW Rio S.Martino – NE – Rio Rivela.
- IV – Ritmo de informações – mesmo negativas, das transversais Doccia (553250) – Zocca (555258) – S.Martino (541256) – salto (548261). O Panano só devera ser transposto mediante ordem da 1°DIE.
- V – Execução imediata – Em face dessa ordem os pelotões foram empregados:
 - a) 1° Pel – sobre Ranocchio;
 - b) 2° Pel – sobre Bertocchi;
 - c) 3° Pel – reserva no eixo Montese-Ranocchio.
 - e) T.C. em Montese(PITALUGA, 1947, p.28 apud ANDRADE, 2011 p. 24).

Figura 5 – M8 do 1º Esqd Rec Mec em Montese



Fonte: Museu Capitão Pitaluga

Conforme Pitaluga (1947 apud ANDRADE, 2011, p. 25), “em face das destruições encontradas a missão foi cumprida nas Vtr ¼ Ton e os carros de reconhecimento permaneceram, inicialmente, em Montese e mais tarde depois da ação, atingiram Salto e S. Martino”.

Durante esta missão um carro de reconhecimento M-8 foi inutilizado por uma “teller-mine” (mina antitanque alemã), entretanto, mesmo com a baixa de um carro, o Esquadrão manteve os reconhecimentos junto as margens do Rio Panano (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 24).

O Esquadrão deslocou-se para Castel D’ Aiano após receber uma ordem verbal, em seguida, começou o movimento em direção a Rosala e Zocca por um eixo com condições agravadas. Podemos verificar que a maioria das ordens eram complementadas verbalmente e que as estradas utilizadas pelo Esquadrão eram um grande obstáculo para as viaturas mecanizadas, devido as suas condições precárias, condições climáticas ou trabalhos de contra mobilidade da engenharia inimiga (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 25).

O 2º pelotão foi lançado para M. Vallechie, enquanto o grosso do Esquadrão atingia Cá de Lucca – Pequena resistência se apresentou a W de Gainazzo e o 2º e o 3º Pel atingiram o corte de Vallechie, atingindo fim de missão e detidos por grande destruição de ponte (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 25).

Apesar do apoio da Engenharia, que na maioria das vezes garantiu a mobilidade da tropa mecanizada no Teatro de Operações italiano, era nítida a dificuldade de mobilidade em certos pontos da região, obrigando o Esquadrão muitas vezes a deixar suas viaturas de reconhecimento M-8 para trás, prejudicando o poder de fogo da tropa. Nesta fase, ao levar em consideração o elevado número

de baixas sofridas e a quantidade de presos, e a experiência adquirida em combate, é positivo o resultado obtido para uma tropa como a FEB que não possuía experiências prévias sobre o tipo de combate encontrado na Itália (MORATORI; 2009).

4.2.3.2 Perseguição

O Esquadrão percebeu que o inimigo havia abandonado a posição, e então passou a perseguir e reconhecer o inimigo, prática comum na doutrina norte-americana de tropas mecanizadas, pela primeira vez o Esquadrão havia executado sua principal missão como tropa de reconhecimento (MEDINA; 2006).

O 2º Pelotão deu diversos golpes de sonda e pelas informações colhidas, a zona achava-se completamente limpa de inimigo organizado. Às 10 horas as vanguardas atingiram Sossuolo – Ponte Nuevo e entrou em ligação com elementos do Esquadrão de Reconhecimento da 3 D.I americana (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 26).

Dentro do contexto das missões é importante ressaltar a iniciativa do Esquadrão em antecipar a realização delas frente ao inimigo que se encontrava em retraimento (MEDINA; 2006).

A ordem de descoberta nº 31, de 25, recebida às 14 horas em S. Pólo d'Enza, previa os reconhecimentos já realizados em Laghiano e como a zona compreendida entre o Enza e o Parma estava livre do inimigo, o Esquadrão foi lançado para região de Porpurano e entrou em ligação com o Esquadrão de Reconhecimento da 34 D.I. (americana) (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 26).

4.2.3.3 Ação em *Collecchio*

O 1º Esquadrão de Reconhecimento ao adentrar a localidade de Collecchio encontrou resistência alemã, durante a ação em Collecchio o Esquadrão foi utilizado em conjunto na manobra para dominar a localidade. As ordens recebidas às 12 horas do dia 26, pretendiam guardar as passagens do rio Taro, para isso o Esquadrão designou o 3º Pelotão na vanguarda no eixo Proporano – Gaione – S. Martino (MEDINA; 2006).

Ao atingir as orlas de Collecchio o 3º Pel foi detido por fogos de armas automáticas e carros de reconhecimento inimigos. O 2º Pel desbordou pelo flanco esquerdo, tentando penetrar na cidade, sendo repellido por forte fogo de carros blindados. O 1º Pel em reserva guardando a estrada para Sala Baganza. Uma patrulha do 2º Pel tentou o flanqueamento de Collecchio e entrou em ligação em Vino Fertili, com uma Cia de Infantaria americana (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 26).

Em sequência foi mantido o contato com inimigo aguardando o reforço de uma Cia do III/6º R.I. e elemento do II/11º R.I., a partir das 16 horas. Às 17 horas, os 2º e 3º Pelotões penetraram na cidade (MEDINA; 2006).

4.2.3.4 Combate de Fornovo

Em continuidade as operações em Collecchio, o Esquadrão seguiu em direção à ponte de Taro (estrada de nº 10) com a finalidade de reunir os meios, lá recebeu nova missão:

Remanescentes inimigos, batidos em Collecchio, retiram-se apressadamente pelo eixo Fornovo – Noceto, deveis interromper missão e lançar-se imediatamente sobre o eixo Castelguelfo – Noceto – Fornovo, de maneira a exterminar o inimigo que desordenado retira-se na direção da via Emilia.

Imediatamente, o Esqd lançou-se em 2 colunas, deixando o T.C. em Ponte de Taro.

1. Grosso – Pelo eixo Noceto – Medesano – 1º e 3º Pel.
2. Flanco Guarda – 2º Pel pelo eixo Stradela – Belicchi Medesano (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 27).

A perseguição conclui-se sem demais problemas, e logo o Esquadrão investiu contra Felegara. No dia 29, o Esquadrão recebeu a missão de retomar a progressão e ocupar Croceta ligando-se com o 6º R.I., em Fornovo e lançar seus elementos de captura de prisioneiros contra Varano e estrada que passa por Rubiano (MEDINA; 2006).

O resultado do constante desgaste das tropas alemãs passou a iniciar as conversações para negociação da rendição que resultou na maior das conquistas efetuadas pela Força Expedicionária Brasileira, onde a 148ª Divisão Alemã rendeu-se às pracinhas da FEB (MORATORI; 2009).

A noite de 28 para 29, transcorreu sem qualquer alteração e na manhã de 29 às 10 horas, quando o Esqd se preparava para continuar a missão, foi procurado por um Coronel alemão, acompanhado de um Capitão para entrar em entendimento sobre a suspensão da luta naquele setor.

Encaminhados os parlamentares ao P.C do III/6° R.I., em Collecchio, entendimentos já estavam se realizando para rendição da 148° Divisão Alemã e os remanescentes da Divisão Itália. Os parlamentares retornaram as linhas alemãs e toda atividade cessou na frente de Felgara, às 14 horas o Esqd deslocou-se menos o Pel extra que permaneceu em Ponte de Taro, para Collecchio com o objetivo de colocar a retaguarda da 148° Divisão Alemã, para protegê-la de ataques de partisanos e entrar em ligação com as vanguardas das tropas americanas (PITALUGA, 1947 apud MORATORI, DANIEL, 2009).

Apesar da suspensão das hostilidades, os partisanos continuavam a atacando a retaguarda ignorando as diretrizes impostas. Foi determinado pelo chefe do Estado Maior (E.M.) que um pelotão (no caso o 1° Pel) fosse com o comandante do Esquadrão à Fornovo para encontrar com chefe do E.M. da Divisão Alemã, visando a ação contra os partisanos. Foram feitas ligações com os chefes partisanos, o que resultou na devolução de 150 (cento e cinquenta) prisioneiros alemães para a 148° Divisão Alemã, que estava sob responsabilidade do Comandante do Esquadrão (MORATORI; 2009).

4.2.3.5 Ocupação de Alessandria

O Esquadrão passou a realizar reconhecimentos buscando o inimigo, desempenhando papel de vanguarda de um destacamento montado para a ocupação da cidade de Alessandria (MORAES, 1984).

De ordem do Sr Gen Cordeiro de Farias que assumiu o comando do Grupamento, o Esqd permaneceu em S. Michele, subúrbio de Alessandria, e no dia 1° de Maio o Esqd deslocou-se, lançando o 2° Pel para Turim e o 1° Pel para o eixo Vercelli. O 2° Pel atingiu Turim às 08:00 h, entrando em ligação com as autoridades civis e militares italianas. Regressando no dia 02 para Crescentina onde se reuniu ao grosso de Esqd. E reconhecimentos, acionados pelo Destacamento n° 11 foram lançados sobre Livorno de Ferrares e Salugia. O inimigo se retirava para Gigliano e como elementos da 1° Divisão Blindada já se encontravam em atividade nessa região, o Esqd pela ordem do Destacamento n° 11, deslocou-se para Turim no dia 02 de Maio, entrando em ligação com o I/11° R.I. afim de cooperar no ataque que os franceses levariam a cabo na direção de Avigliana – Venaria (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 28).

A negociação da rendição inimiga se tornou mais fácil devido a presença direta do comandante do Esquadrão (MORAES, 1984).

No dia 03 uma patrulha comandada pelo Cmt do Esqd alcançou a localidade de Casulo onde entrou em entendimento com um General Alemão sobre o fim da

guerra, esse chefe inimigo anteriormente já tivera ligação com um coronel americano a respeito da rendição (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 28).

Em consentimento dentro das negociações, o clima de beligerância entre as partes foi aos poucos se apagando, dando sinais para o fim do conflito. Observava-se o notório tratamento e cordialidade respeitosa que os alemães e brasileiros partilhavam em suas conversas (MORAES, 1984):

Na noite em que fiz contato com o General Pico, pude assistir ao enterro de mortos e a entrega de condecorações. O pessoal do nosso Esquadrão e os alemães, prisioneiros, estavam juntos, ali, em Fornovo, sem qualquer atrito, trocando cigarros e chocolates. Era o fim da guerra. (PITALUGA, 2001, p. 148 apud ANDRADE, 2011, p. 28).

Sendo assim passaremos a demonstrar como o se deu o fim das operações visando a desmobilização da FEB, ensinamentos e equipamentos absorvidos.

4.2.3.6 O fim das operações

A missão final do Esquadrão consistiu na realização da segurança do cabo estadual terminal, da Telefônica, em S. Giuliano Nuovo e da ponte sobre o rio Pó. Após a execução da mesma o Esquadrão se preparou para retornar ao Brasil. Dentro desse processo, iniciou-se o trabalho de manutenção e recuperação das viaturas por parte da Seção de Manutenção, além da devolução dos carros M-8 e demais medidas administrativas para o embarque da tropa e seu retorno (MORAES, 1984).

5 ESQUADRÃO DE CAVALARIA MECANIZADA ATUAL

Conforme o manual C 2-36 – O Esquadrão de Cavalaria Mecanizada, o Esqd C Mec atualmente possui equipamento e adestramento com a finalidade de

[...] cumprir missões de reconhecimento, segurança em proveito do escalão que o enquadra, operações ofensivas, operações defensivas, perseguição e missões de aproveitamento do êxito, agindo isoladamente, embora não seja a forma normal de emprego (BRASIL, 1982, p.1-1).

O Esqd C Mec é a subunidade tática de emprego da cavalaria mecanizada, sendo a menor fração da cavalaria mecanizada a reforçar outra Unidade. São orgânicos das Brigadas de Cavalaria Mecanizada ou das Brigadas de Infantaria, sejam elas Blindadas ou Motorizadas (um por brigada) (BRASIL, 1982 p.2-1).

Cabe destacar que com a mecanização da maioria das Brigadas de Infantaria Motorizada, carece de aprofundamento o estudo sobre qual a dosagem de tropas de Cavalaria Mecanizadas para essas Grandes Unidades possam ter a cobertura e a segurança adequada para suas operações, uma vez que as missões clássicas de reconhecimento e segurança continuam sendo a base doutrinária do emprego da Arma de Cavalaria (MESQUITA; 2014).

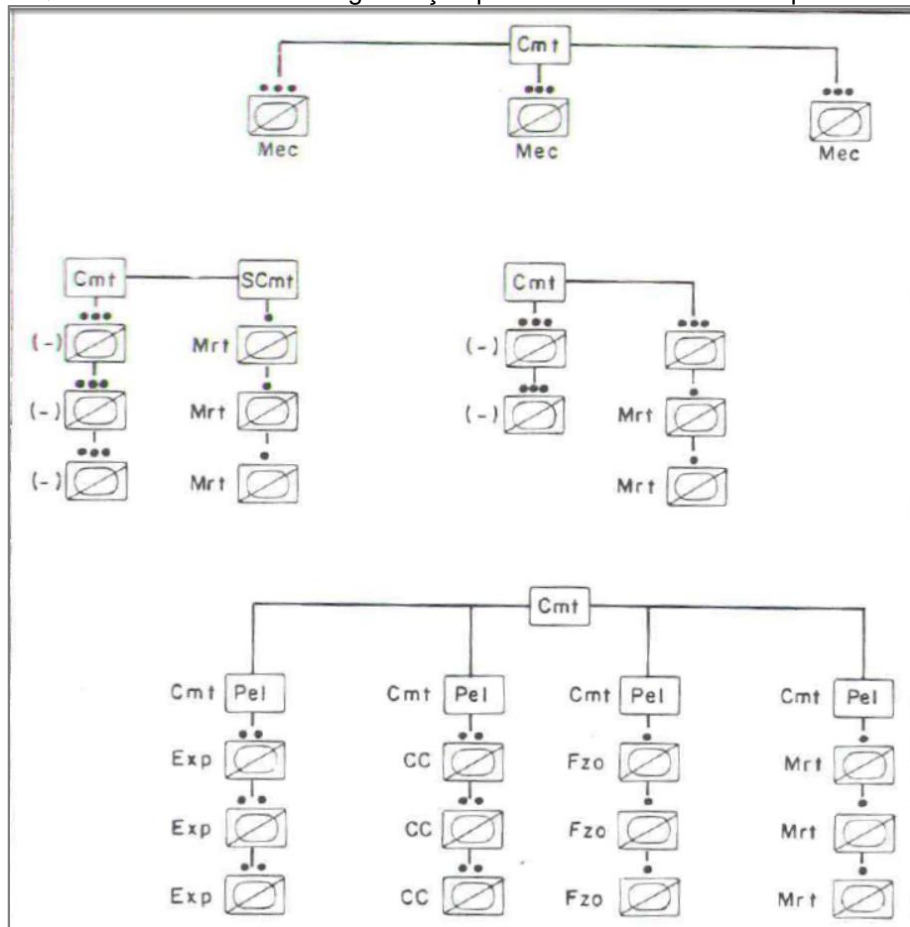
O Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec) é composto por uma Seção de Comando, onde se encontram o Comandante, Subcomandante, Estado-Maior, além das frações de apoio ao combate, cujo objetivo é dar suporte a administração das atividades desempenhadas pela Subunidade no que se refere a manutenção de viaturas e instalações, suprimento e evacuação de militares feridos ou mortos em combate, bem como planejamento, coordenação e controle das operações. Compõe a Seção de Comando as seguintes frações: “grupo de comando, turma de administração, turma de aprovisionamento e turma de manutenção” (BRASIL, 1982, p. 1-2).

O Esquadrão de Cavalaria Mecanizado possui como peças de manobra três Pelotões de Cavalaria Mecanizada. Cada pelotão possui um Grupo de Comando, um Grupo de Exploradores, uma Seção de Carros de Combate, um Grupo de Combate e uma Peça de Apoio (BRASIL, 1982, p.1-2).

A doutrina apresentada no manual C-2-36 – O Esquadrão de Cavalaria Mecanizada (1982), indica que o comandante do Esqd C Mec empregue seus

pelotões levando em consideração a missão, inimigo, meios dispostos e terreno. Nesse sentido, especifica que os pelotões normalmente sejam empregados sem alterar sua organização. Porém, o mesmo manual indica que é possível ao comandante constituir suas frações de pelotões provisórios reunindo frações de mesmas características, sendo comum essa uma prática comum na adoção de condutas em missões de reconhecimento e segurança (BRASIL, 1982, p. 1-2).

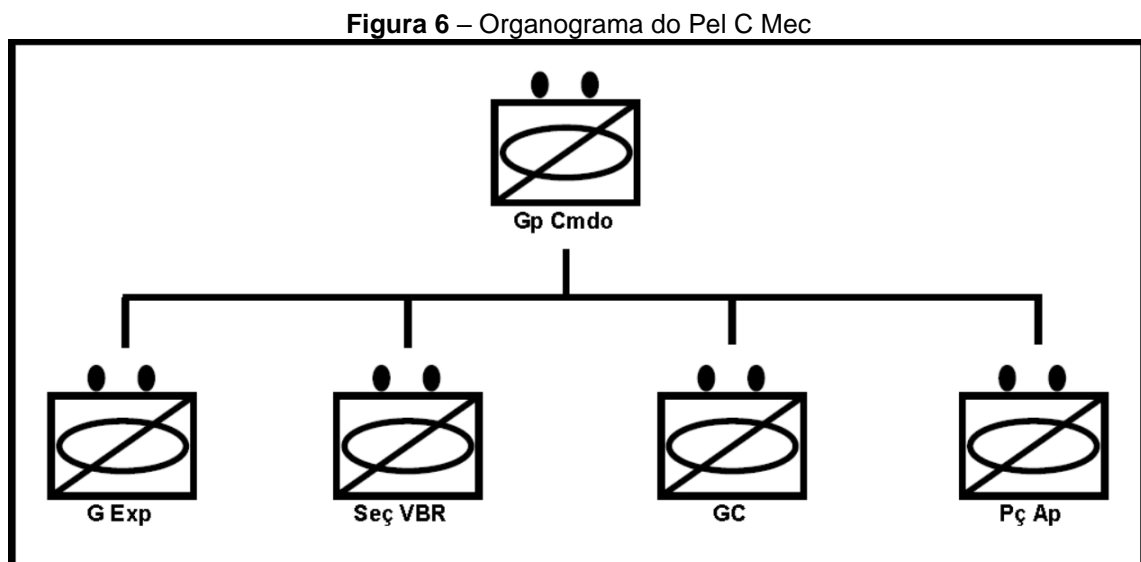
Quadro 1 – Métodos de organização para o combate de um Esqd C Mec



Fonte: manual C-2-36 o esquadrão de cavalaria (1982).

6 PELOTÕES DE CAVALARIA MECANIZADA ATUAL

Através do Caderno de Instrução - CI2-36/1 - O Pelotão de Cavalaria Mecanizado (2006), pode-se entender que o Pelotão de Cavalaria Mecanizado é a unidade básica organizacional de um Esqd C Mec, cabendo destacar que o Pel C Mec é constituído por cinco grupos: Grupo de Comando, Grupo de Exploradores, Grupo de Combate, Seção VBR e Peça de Apoio, conforme pode ser comprovado pelo seu Organograma (Figura 6). Tal pelotão é dotado de grande flexibilidade devido ao fato de ter grande variedade de viaturas e armamentos em sua constituição, o que facilita o cumprimento das missões (BRASIL, 2006, p. 1-1).



Fonte: Caderno de Instrução O Pelotão de Cavalaria Mecanizado CI2-36/1 (2006)

Conforme o Organograma do Pel C Mec, o Grupo de Comando tem a missão de possibilitar ao comandante do pelotão o exercício do comando, sendo constituído pelo próprio comandante de pelotão, o motorista de sua viatura e o rádio operador.

Já, o Grupo de Exploradores é organizado e equipado com meios que o tornam apto a executar ações de reconhecimento, a pé ou embarcado, prover segurança nos flancos do Pelotão, realizar golpes de sonda, reconhecendo eixos ou faixas do terreno que demandem em direção à posição do próprio Pelotão ou de outra fração em favor da qual o Pelotão esteja operando, atuar como seção de metralhadoras em base de fogos, realizar o ataque a pé, atuando como um Grupo

de Combate e desempenhar diversas funções especiais, tais como servir de mensageiro, na ausência ou pane dos meios de comunicação orgânicos do Pelotão e elemento de ligação, estabelecendo e mantendo o contato com forças amigas que estejam operando no limite da zona de ação. Por sua vez, a Seção de Viaturas Blindadas Sobre Rodas (VBR) é o elemento de choque do Pelotão, estando apta a realizar ações de reconhecimento, de segurança, de defesa e de ataque, explorando sua proteção blindada diversidade e potência de fogos de seu armamento embarcado (BRASIL, 2006, p.1-4).










Outra fração que constitui o Pel C Mec é o Grupo de Combate, sendo este o elemento de combate a pé do Pel C Mec. Destina-se basicamente a formar o combinado com a Seç VBR uma pequena FT-CC-Fuz, tanto para ações ofensivas como defensivas, podendo ser empregado na realização de pequenas ações de reconhecimento, balizamento e limpeza de eixos, particularmente quando o Grupo de Exploradores estiver empenhado em outras missões. Dando suporte de fogos às ações do Pel C Mec, a Peça de Apoio é o elemento de apoio de fogo indireto. Normalmente, por ser a última fração na organização para o deslocamento, é, também responsável pela segurança da retaguarda (BRASIL, 2006, p.1-4).

Em operações é normalmente empregado com sua constituição original contudo, o Esqd C Mec pode optar em empregar o Pel C Mec de forma desmembrada formando pelotões provisórios. Tais pelotões são formados pelo agrupamento das frações de mesma natureza, a saber: Pel VBR, pela conjugação das viaturas das das Seções VBR; Pel Fuz, empregando os Grupos de Combate em conjunto; Pelotão de Exploradores, junção dos Grupos de Exploradores; Pelotão de Metralhadoras, empregando as peças de Metralhadoras Médias e Pelotão de Apoio, empregando as peças as peças de Mtr MAG dos Grupos de Exploradores (BRASIL, 1982, p.3-1).

Quando enquadrado no Esqd C Mec, suas possibilidades são: participar de operações de reconhecimento; participar de missões de segurança; realizar operações de contra-reconhecimento; realizar operações ofensivas e defensivas, particularmente durante a execução de ações de Rec e Seg, nos Movimentos Retrógrados e na aplicação do princípio de economia de meios; realizar ligações de combate; ser empregado na segurança da área de retaguarda - SEGAR; realizar operações de junção; executar ações contra forças irregulares; cumprir missões num quadro de Garantia da Lei e da Ordem, mesmo atuando de forma descentraliza, em

reforço aos Batalhões de Infantaria; e operações tipo Patrulha, de modo geral (BRASIL, 2006, p.1-2).

Figura 7 – Organização do Pelotão de Cavalaria Mecanizado

FRAÇÕES	COMPOSIÇÃO	VIATURAS	MATERIAL PRINCIPAL
Gp Cmdo	Cmt Pel Sd Exp/Motr Sd R Op	 VBR (L)	01 Mtr 7,62mm (MAG) Rádio veicular nível SU/Pel
1ª Pa G Exp	3º Sgt Cmt G Exp Sd At Sd Exp/Motr	 VBR (L)	01 Mtr 7,62mm (MAG) Rádio veicular nível Pelotão
	Sd Exp Sd At Sd Exp/Motr	 VBR (L)	01 L Gr Rádio veicular nível Pelotão
2ª Pa G Exp	Cb Aux Sd At Sd Exp/Motr	 VBR (L)	01 Mtr 7,62mm (MAG) Rádio veicular nível Pelotão
	Sd Exp Sd At Sd Exp/Motr	 VBR (L)	01 L Gr Rádio veicular nível Pelotão
Seq VBR	2º Sgt Adj/Cmt Seq Cb At Cb Motr VBR	 VBR (M)	01 Mtr 7,62mm (MAG-Coaxial) 01 Mtr 7,62mm(MAG-AAe) 01 Can 90 mm Rádio veicular nível Pelotão
	3º Sgt Cmt VBR Cb At Cb Motr VBR	 VBR (M)	01 Mtr 7,62mm (MAG-Coaxial) 01 Mtr 7,62mm (MAG-AAe) 01 Can 90 mm Rádio veicular nível Pelotão
GC	3º Sgt Cmt GC Cb Motr VBTP Sd At Mtr .50	 VBTP	01 Mtr .50 02 L Roj AT-4 Rádio veicular nível Pelotão
	Cb Aux (Cmt 1ª Esq) Sd At Sd Fuz (R Op) Sd Fuz (At L Roj)		
	Cb Aux (Cmt 2ª Esq) Sd At Sd Fuz (granadeiro) Sd Fuz (At L Roj)		
Pç Ap	3º Sgt Cmt Pç Sd Motr/Mun Cb At Sd Aux At Sd Mun	 VBTP	01 Mtr .50 01 Mrt Md (81 mm) Rádio veicular nível Pelotão

Fonte: Caderno de Instrução O Pelotão de Cavalaria Mecanizado CI2-36/1 (2006)

Sobre o Pelotão de Cavalaria Mecanizada, o Caderno de Instrução - CI2-36/1, o Pelotão de Cavalaria Mecanizado (2006) reporta que suas principais características que podem ser resumidos conforme o quadro a seguir.

Quadro 2 – Principais características da tropa de cavalaria mecanizada

Mobilidade	“Resultante da grande velocidade em estrada, da possibilidade de deslocamento através campo, da capacidade de transposição de obstáculos e do raio de ação das suas viaturas.” (2006, p.1-2)
Flexibilidade	“Decorrente da sua estrutura organizacional e das características de seu material. Resulta ainda de sua mobilidade, potência de fogo, proteção blindada e sistema de comunicações, que lhe conferem a capacidade de atuar com eficácia em missões ofensivas, defensivas, de reconhecimento e de segurança.” (2006, p.1-2)
Potência de fogo	“Assegurada pelo seu armamento orgânico, que o habilita a executar fogos diretos e indiretos, utilizando-se de seus canhões, seu morteiro e suas armas automáticas (metralhadoras e lançadores de granadas), além das armas de dotação de cada um de seus integrantes.” (2006, p.1-2)
Proteção Blindada	“Proporcionada, em grau relativo, pela blindagem de parte de suas viaturas, que protegem as suas guarnições contra os fogos de armas portáteis e estilhaços de granadas de morteiros e de artilharia, possibilitando realizar o combate embarcado.” (2006, p.1-2)
Ação de choque	“Resultante da combinação da mobilidade, da potência de fogo e da proteção blindada.” (2006, p.1-2)
Sistema de comunicações amplo e flexível	“Proporcionado, particularmente, pelos meios de comunicações de que é dotado, os quais asseguram ligações rápidas e seguras, tanto com o Cmt Esqd quanto com as demais frações do pelotão.” (2006, p.1-2)

Fonte: Caderno de Instrução O Pelotão de Cavalaria Mecanizado C12-36/1 (2006).

Cabe destacar que em que pese a gama de possibilidades do Esqd C Mec, essa Subunidade possui algumas limitações para o cumprimento das missões, dentro das operações, conforme a seguir: vulnerabilidade aos ataques aéreos; sensibilidade ao emprego de minas AC e aos obstáculos naturais e artificiais; mobilidade limitada fora de estrada, principalmente em terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, matosos e pantanosos; reduzida capacidade de transposição de cursos de água; sensibilidade às condições meteorológicas adversas, que reduzem a sua mobilidade; grande necessidade suprimento das classes III e V; e redução da potência de fogo quando desembarcado, em razão de parte de seu armamento ser fixo às viaturas (BRASIL, 2006, p.1-3).

7 RECONHECIMENTO

A principal missão do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB era o reconhecimento e a proteção da maioria das tropas que compunham o grosso da FEB, durante as operações no Teatro de Operações italiano. Portanto, cabe uma breve explanação sobre o que consiste na ação de reconhecimento (LANDGRAF; 2013).

Segundo o Caderno de Instrução CI2-36/1, o Pel C Mec é a pequena fração mais apta a cumprir as missões de reconhecimento em proveito do escalão superior, operação que consiste no “emprego de meios terrestres ou aéreos, com o propósito de obter informes sobre o inimigo e sobre o terreno na área de operações” (BRASIL, 2006, p.2-1).

Conforme o CI 2-36, o reconhecimento é executado de uma maneira audaciosa e agressiva, fazendo-se o máximo emprego da mobilidade, potência de fogo e ação de choque do Pel C Mec. Entende-se a maneira rápida e agressiva como a rapidez e fluidez com que as ações de reconhecimento devem ser conduzidas, no entanto, não podem, de maneira alguma significar descuido com a segurança própria das frações empregadas (BRASIL, 2006, p. 2-1).

O resultado da busca direta de informes que tenham valor militar, sobre a região de operações (R Op) e o inimigo, seu dispositivo, atividades recentes e meios empregados, são produzidas informações de combate, as quais permitem ao comando do escalão superior realizar o planejamento, alterar ou prosseguir na condução de sua manobra. Portanto, o objetivo do reconhecimento é fornecer as informações necessárias ao comando interessado, possibilitando a atualização de seu plano de operações (BRASIL, 2006, p. 2-1).

As principais características de um reconhecimento são: planejamento centralizado e execução descentralizada; execução rápida e agressiva; segurança durante o movimento; ênfase no uso da rede viária; iniciativa dos comandos subordinados; máximo acionamento dos órgãos de informações; rápida transmissão dos informes; e carência de informações sobre o inimigo (BRASIL, 2006, p. 2-1)

Durante o planejamento e a execução da missão de reconhecimento devem ser observados os seguintes fundamentos: orientar-se segundo os objetivos de informação; participar, com rapidez e precisão, todos os informes obtidos; evitar o

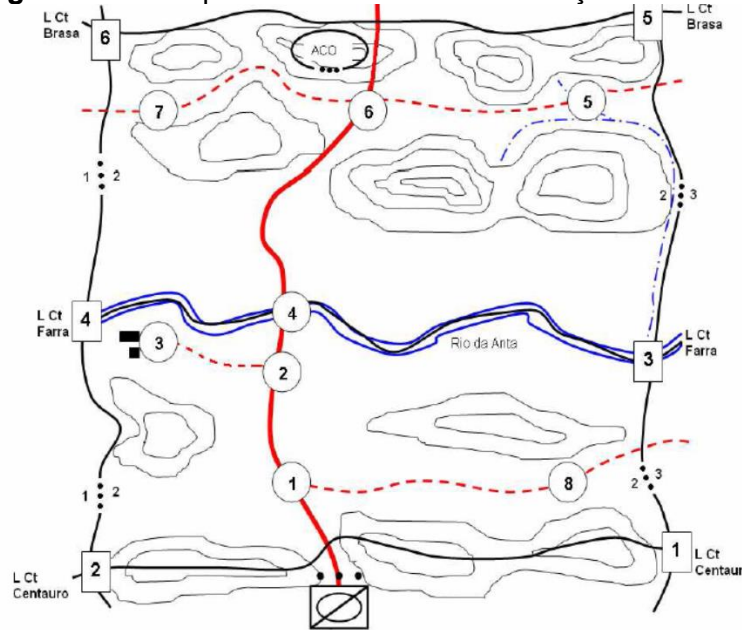
engajamento decisivo; manter o contato com o inimigo; e esclarecer a situação (BRASIL, 2006, p. 2-3).

Nas operações de reconhecimento padronizam-se as seguintes ações, a serem realizadas caso haja algum contato com o inimigo: desdobrar e informar; esclarecer a situação; selecionar uma linha de ação; informar ao Cmt Esqd sobre a linha de ação adotada (BRASIL, 2006, p. 2-3).

O reconhecimento é “planejado de forma centralizado e executado de maneira descentralizada” (BRASIL, 2006, p. 2-1).

Em razão dessa execução descentralizada, é que se faz necessário controle e coordenação cerrados sobre o movimento das tropas. Essa coordenação tem por objetivo principal tornar mais fácil a busca de informes, evitar a duplicação de esforços em uma mesma zona de ação e, principalmente, controlar o movimento. O comandante do escalão superior a fração, executa marcações no calco de operações de seus subordinados para garantir: objetivos para assegurar a posse das regiões de passagem de um rio obstáculo ou de um desfiladeiro, apoiar uma ultrapassagem ou um investimento e garantir a posse de regiões do terreno que proporcionem segurança (BRASIL, 2006, p. 2-4).

Figura 8 – Exemplo de medidas de coordenação e controle



Fonte: Caderno de Instrução O Pelotão de Cavalaria Mecanizado CI2-36/1 (2006).

O tipo de reconhecimento a ser empregado é escolhido tendo em vista as informações desejadas, o conhecimento da situação do inimigo, o terreno, o valor da

força de reconhecimento, o local onde o informe deve ser procurado e o tempo disponível para obtê-lo. explanação, existem três tipos de reconhecimentos a serem executados pelo Pel C Mec. Nesse sentido, o Reconhecimento de Eixo visa à obtenção de informes sobre um determinado eixo, o terreno a ele adjacente e/ou o inimigo que dele se utiliza; o Reconhecimento de Zona busca obter informes detalhados sobre o inimigo e/ou a região de operações, ao longo de uma faixa do terreno definida em largura e profundidade; e o Reconhecimento de área objetiva a coleta de informes detalhados sobre o inimigo e/ou terreno, dentro de uma área específica e perfeitamente definida em seu perímetro (BRASIL, 2006, p. 2-11).

8 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Checando os dados apresentados, pode-se encontrar a seguinte resposta ao problema:

8.1 RESULTADOS

A experiência encontrada no processo de mobilização, no adestramento e no combate vivenciados pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento durante o período da 2ª Guerra Mundial, apresentou profundas mudanças na forma de preparo das tropas e na dotação de novos materiais pela Cavalaria Brasileira.

A doutrina militar francesa foi substituída pela doutrina militar norte-americana e apesar das especificações da mesma sobre a utilização de somente 01 (um) esquadrão de reconhecimento na 1ª DIE, somente o 1º Esquadrão de Reconhecimento não foi suficiente para executar as necessidades do combate, constatado pelo próprio relatório do General Pitaluga:

A presença de um Esquadrão de Reconhecimento Moto Mecanizado, tipo americano, não satisfaz as necessidades de uma grande Unidade, os trabalhos de busca de informações, de cobertura exigidos por uma Divisão não podem ser satisfeitos por um só Esquadrão, tendo em vista na ofensiva a necessidade premente de não se espalhar os pelotões, as patrulhas por missões e direções diferentes (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 30).

Através do relatório de Pitaluga, constatou-se que na Itália os imperativos táticos (segurança afastada, busca de informações) impossibilitaram o Esquadrão desdobrar atendendo as necessidades de uma tropa de maior mobilidade (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 30).

Pitaluga ressalta a necessidade de mobiliar a 1ª DIE com uma ala com 02 (dois) Esquadrões, com poucas alterações de pessoal e equipamentos, e mais 1 Pelotão de Comando e 1 Seção de Trem de Combate (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 30).

A distribuição do efetivo do Esquadrão foi outro problema encontrado, muitas vezes era necessário desembarcar das viaturas para flanquear posições inimigas, utilizar armas automáticas e lançar patrulhas a pé e o efetivo apresentado acabava por não ser suficiente para todas as tarefas. “Várias vezes o morteiro 60mm deixou

de ser empregado por falta de atirador e municionador, aproveitados como esclarecedores” (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 31).

O uso dos armamentos orgânicos foi afetado diretamente pela falta de efetivo, apresentou-se necessário a dotação de armamentos mais leve e chegou-se à conclusão de que o morteiro 60mm não era muito eficaz para o apoio de fogo.

Para se ter uma tropa capaz então nos momentos aflitivos, está apta a prolongar as missões a pé, impõe-se aligeirar o seu armamento substituindo pelo menos uma das 3 metralhadoras .30 do pelotão por 1 fuzil metralhador, que muito aliviaria o peso nas patrulhas a pé (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 31).

A falta de qualificação do pessoal apresentou grande dificuldade para a preparação e execução das missões do Esquadrão. A falta de motoristas, fuzileiros e esclarecedores foram pontos críticos nesse aspecto, complementando o exposto anteriormente, os recompletamentos de pessoal era deficiente com relação às pessoas qualificadas nas suas funções, afetando as técnicas, táticas e manutenção do Esquadrão (PITALUGA, 1947 apud ANDRADE, 2011, p. 31).

8.2 ANÁLISE DOS DADOS

Diante dos resultados encontrados neste trabalho, podemos fazer algumas inferências. A resposta ao problema formulado parece ser afirmativa, pois ocorreu a evolução doutrinária do pelotão de cavalaria do Exército Brasileiro com as experiências absorvidas pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento durante a II Guerra Mundial, que refletem atualmente na estrutura dos pelotões de cavalaria mecanizados e a forma de execução dos da missão de reconhecimento.

Inicialmente houve grande dificuldade para o Esquadrão em suas missões na FEB. O 2º Pelotão foi o primeira a atuar em solo italiano, encontrou dificuldades devido ao terreno que muitas vezes impossibilitava as ações com as viaturas do pelotão, limitando-o ao patrulhamento a pé e exigindo grande esforço dos homens. A falta do emprego adequado das tropas mecanizadas brasileiras perante o solo característico italiano só pode ser solucionada com o apoio da Engenharia que garantia a mobilidade e o funcionamento da logística do combate (LANDGRAF; 2013).

A chegada do restante do Esquadrão, em novembro de 1944, iniciou a Defensiva no Vale do rio Reno. O terreno mais uma vez se mostrou um obstáculo a ser superado pela tropa e as missões eram recebidas de forma rápida, deixando pouco tempo para o planejamento. O Esquadrão passou a receber missões que não estava acostumado a executar, mas, estavam previstas pela doutrina norte-americana (LANDGRAF; 2013).

As grandes frentes necessárias para as missões de segurança e aproveitamento do êxito evidenciam a insuficiência de pessoal e material para suas execuções, e por muitas vezes as condições climáticas não eram as ideais para o material recebido pela FEB para sua constituição (LANDGRAF; 2013).

Após essa fase, ocorreu a reorganização e melhor preparo da tropa para a Ofensiva da Primavera. Foram observadas missões típicas de tropas mecanizadas em missões de reconhecimento e movimento retrógrado (ANDRADE; 2011, p. 32).

A Engenharia representou um grande apoio para o Esquadrão durante a Ofensiva da Primavera, mesmo assim, ocorreu dificuldade por parte do Esquadrão na mobilidade de sua tropa. A experiência adquirida pela tropa ao longo dos combates foi um fator decisivo nesta fase para o sucesso das missões, o Esquadrão estava acostumado com as operações continuadas e a emissão de ordens verbalmente, caracterizando a premissa de tempo (ANDRADE; 2011, p. 32).

Portanto, em face a todas as dificuldades encontradas pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento durante o conflito da 2ª Guerra Mundial, ocorreu a profunda influência na transformação da cavalaria brasileira. A aquisição de novos materiais de emprego militar para a guerra, como as viaturas e armamentos, despertaram a evolução e modernização dos Regimentos de Cavalaria no Brasil (MESQUITA; 2014).

As unidades passaram a adquirir novos carros de combate como o M3 Stuart e a Viatura Blindada de Reconhecimento M8 Greyhound, aumentando a capacidade operacional das tropas blindadas. Posteriormente, foram substituídas pelo M 41 Walker Bulldog, nos anos 70 e posteriormente vieram suas evoluções. A necessidade de novas viaturas impulsionou a indústria bélica brasileira a desenvolver viaturas como a VBR EE-9 Cascavel e a VBTP EE-11 Urutu para mobiliar seus pelotões (ANDRADE; 2011, p. 32).

Como resultado dos aprendizados das necessidades de um pelotão apto a executar as missões de reconhecimento e aproveitamento do êxito, surgiu a atual

definição de pelotão de cavalaria mecanizada. Sua dotação e efetivo são frutos dos aprendizados vivenciados pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB na Itália que necessitava de um maior número de homens para executar as patrulhas, assim surgiu o grupo de combate (GC) dentro do Pel C Mec (ANDRADE; 2011, p. 32).

A adoção de armamentos mais pesados e de calibre 7,62mm, de um morteiro 81mm na sua composição de meios, reflete a necessidade de maior apoio de fogo e mobilidade por parte da tropa na execução das patrulhas a pé, substituindo as pesadas metralhadoras .30 e o morteiro 60mm ineficiente para o apoio de fogo dentro das distancias exigidas (LANDGRAF; 2013).

A composição do Pel C Mec reflete diretamente a necessidade de adequar as ordens verbais (ordens fragmentárias), sendo possível para o comandante de Esquadrão adequar seus pelotões de acordo com a necessidade de emprego compondo pelotões provisórios (LANDGRAF; 2013).

Frente ao exposto ocorreu o aumento das blindagens das viaturas e do poder de fogo das mesmas, exemplo disso seria o canhão 90 mm da viatura EE-9 Cascavel, meio mais nobre do atual Pel C Mec, e as metralhadoras Browning .50 nas viaturas EE-11 Urutu que transportam o grupo de combate e a peça de apoio dos pelotões (LANDGRAF; 2013).

O recebimento dos novos materiais, resultou na reestruturação dos Regimentos de Cavalaria à nova característica da mecanização da tropa. Ocorreu mudanças nas unidades conforme recebiam as novas viaturas, mudando o nome das Unidades, a exemplo disso pode-se citar a transformação do 1º Esquadrão de Reconhecimento no atual 1º Esquadrão de Cavalaria Leve na cidade de Valença no Rio de Janeiro (MESQUITA; 2014).

A hipótese de pesquisa pode ser considerada confirmada, pois todos os fatos apresentados, apontam a evolução que o 1º Esquadrão de Reconhecimento proporcionou para os pelotões de cavalaria mecanizada que hoje são a principal tropa que realiza missões de reconhecimento e aproveitamento do êxito conforme as tropas de cavalaria da FEB durante a 2º Guerra Mundial.

9 CONCLUSÃO

Segundo o jornalista e pesquisador William Waack “a importância dessa experiência, não custa ressaltar, não deve ser vista apenas na venda de armas ou equipamentos. Sob o lema da “defesa da democracia” e da “solidariedade continental”, ocorreu a imposição de doutrinas e métodos de impacto virtual para uma decisiva camada de militares brasileiros” (WAACK, 2015, p.274). Tal afirmativa é comprovada pela participação do 1º Esquadrão de Reconhecimento como tropa integrante da FEB, no TO italiano que possibilitou a comprovação da necessidade de tropas de reconhecimento e segurança para Grandes Comandos no terreno.

No mesmo sentido, a adoção da doutrina militar norte-americana, incluindo a forma de tratamento dispensada aos subordinados, conferindo maior responsabilidade e liberdade de ações e possibilitando a maior iniciativa dos pequenos escalões é confirmada por MAXIMINIANO ao registrar que “a guerra ensinaria aos brasileiros que era importante delegar responsabilidades e que a iniciativa se fazia necessária não somente entre os oficiais, mas também entre soldados, cabos e sargentos” (MAXIMINIANO, 2010, p.46). Estas características são extremamente desejadas às tropas de Cavalaria Mecanizada, especialmente aos Pelotões de Cavalaria Mecanizada nas ações de reconhecimento.

A presente pesquisa verificou a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB e constatou sua importância para a evolução doutrinária para a Cavalaria Brasileira, em foco: os Pelotões de Cavalaria Mecanizados. Com base nos resultados obtidos e pela análise de dados sobre o emprego do 1º Esquadrão de Reconhecimento, durante a campanha na Itália é possível constatar que houve grande evolução na forma de combate da tropa de Cavalaria Brasileira, pois a experiência vivenciada agregou de forma definitiva uma nova doutrina, forma de emprego, evidenciados pela experimentação de novos equipamentos, materiais e TTP.

A superação dos problemas iniciais enfrentados pela tropa destaca-se pouca preparação técnica e material, superados pela adaptação do Esquadrão em combate, de forma desdobrar suas frações no terreno, flexibilidade e autonomia diante de situações adversas, atuando, muitas vezes como o mínimo de coordenação e controle, como no caso da ofensiva e da perseguição empreendida contra as tropas alemãs.

Conclui-se que as características das missões, forma de emprego, coordenação e controle e manobra dos Pelotões de Cavalaria Mecanizada, bem como das Subunidades, no combate regular e em sua missão de reconhecimento, atualmente, pouco diferem das do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB na II Guerra Mundial. Portanto, a formação e incorporação do 1º Esquadrão de Reconhecimento às tropas da FEB trouxe experimentações importantes que resultaram em profundas mudanças na doutrina de emprego em combate para a Cavalaria Brasileira, confirmando a hipótese da pesquisa.

O fato de, durante a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento no TO italiano, por diversas ocasiões foram cumpridas missões tipicamente da Cavalaria e que atualmente são atribuídas aos Esquadrões ou Pelotões de Cavalaria Mecanizada. Por possuírem meios orgânicos, instrução e adestramento, bem como sua organização flexível, torna esta fração a mais apta para a execução de tarefas como: reconhecimento, provendo segurança ao escalão para o qual é empregado, participar de operações ofensivas, defensivas, e cooperar com a perseguição e o aproveitamento do êxito.

O Pelotão de Cavalaria Mecanizado, em virtude do terreno, pode operar a pá, como tropa de infantaria. Embora esta situação seja de um todo indesejável, pois a fração deixa de empregar características e peculiaridades inerentes aos seus meios orgânicos: a mobilidade, proporcionada pelas suas viaturas, a proteção blindada, proporcionada por suas VBR, e aptidão de fogo de suas armas embarcadas. No entanto, a experiência do 2º Pelotão do 1º Esquadrão de Reconhecimento, em Ospedaletto e Vechiano, em virtude da natureza do terreno. Isso demonstra a extrema versatilidade exigida àquela fração e que é prevista na base doutrinária dos Pelotões de Cavalaria Mecanizados atualmente.

Outra missão típica do Pelotão de Cavalaria Mecanizada, Reconhecimento e Vigilância, foram executadas pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento, particularmente em Gaggio e Montano. No entanto, enquanto o Esquadrão atuava em proveito do II Grupo Blindado da Brigada Blindada americana, sofreu as limitações logísticas com a falta de peças de reposição, munições, combustíveis e lubrificantes. Tais limitações continuam a ser as grandes dificuldades dos comandantes mecanizados ainda nos dias de hoje, particularmente quando se trata de frações como o Pelotão de Cavalaria Mecanizado.

Ainda, conforme preconizado pelos Manuais de Campanha C 2-36 – O Esquadrão de Cavalaria Mecanizado e CI 2-36/1 – O Pelotão de Cavalaria Mecanizado, o Esquadrão de Reconhecimento realizou, também, missões de Segurança de Área de Retaguarda, a partir de 20 de janeiro de 1945. Soma-se a isso o fato de, após a tomada de Monte Castello, o 1º Esquadrão de Reconhecimento recebeu o reforço da Companhia de Armas Anti-Carros do 1º Regimento de Infantaria para empreender a busca pelo contato com o inimigo que havia retraído de suas posições. Tal missão, ainda hoje está nos objetivos da realização de reconhecimentos, conforme a base doutrinária da Cavalaria.

É importante salientar que o organograma do Esquadrão de Cavalaria Mecanizado, orgânico das Brigadas de Infantaria ou dos Regimentos das Brigadas de Cavalaria Mecanizada é praticamente idêntico ao do 1º Esquadrão de Reconhecimento da FEB, mantendo as mesmas características – Mobilidade; Flexibilidade; Proteção Blindada; Ação de choque; e Sistema de comunicações amplo e flexível. Da mesma forma, a constituição dos Pelotões de Cavalaria Mecanizada é a mesma dos Pelotões de Reconhecimento, diferindo unicamente nos meios previstos e empregados. Deste modo, pode-se concluir que a evolução que representou o emprego daquelas frações no TO italiano ocorreu de forma perene, incorporando ao EB as lições apreendidas na guerra.

Por fim, as experiências vividas em combates pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento, durante a II Guerra Mundial, colocaram abaixo a resistência que havia em alguns setores da Cavalaria do Exército Brasileiro quanto a necessidade de mecanizar seus meios. Conforme reporta LOURO “a Cavalaria, das armas do Exército, se revelaria profundamente resistente frente ao processo de mecanização” (p.115). Assim, após o término do conflito, houve uma profunda reestruturação de forças de emprego estratégico do Exército Brasileiro. Porém, o mais significativo incremento foi a transformação de unidades hipomoveis em mecanizadas, potencializando sua capacidade de emprego, tem do por fração basilar o Pelotão de Cavalaria Mecanizada e por fundamento a experimentação doutrinária e o melhor laboratório: a Guerra.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Thiago Siqueira de A **Cavalaria Brasileira na Segunda Guerra Mundial: A Atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento da Força Expedicionária Brasileira e seus Reflexos para a Cavalaria Brasileira**. Resende: AMAN, 2011.
- BRANCO, Manuel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra**. Biblioteca do Exército Editora, Rio de Janeiro, 1960.
- BRASIL. Caderno de Instrução 2-36/1. **O Pelotão de cavalaria mecanizada**. AMAN, 2006.
- BRASIL. Caderno de Instrução 2-36. **O Esquadrão de cavalaria mecanizada**. 1. ed. EME, 1982.
- FARIA, Durland Puppim de. **Introdução à História Militar Brasileira**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015. 392p.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LACERDA, Paulo Henrique Barbosa; SAVIAN, Elonir José. **Introdução ao Estudo de História Militar Geral**. Resende: Academia Militar das Agulhas Negras, 2015. 367p.
- LANDGRAF, Saulo Freire, **A Atuação do Capitão Plínio Pitaluga, Comandante do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado durante a II GUERRA Mundial, por ocasião dos combates em Collecchio – Fornovo e os ensinamentos colhidos para a liderança militar**. Rio de Janeiro: EsAO, 2013
- LOURO, João Marcos Macedo. **“O cavalo ou motor”**: a Motomecanização no Exército Brasileiro no Período entre guerras (1921-1942). 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- MAXIMINIANO, César Campiani. **Barbados, sujos e fatigados: os soldados brasileiros na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo – Grua. 2010.
- MEDINA, Renato Fróes. **A Participação do 1º Esquadrão de Reconhecimento na 2ª Guerra Mundial**: aprestamento, Atuação e Doutrina. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais.
- MESQUITA, Alex Alexandre de. A Brigada de Cavalaria Mecanizada no Contexto da Transformação da Doutrina Militar Terrestre: a estrutura de Combate Convencional mais atual do Exército Brasileiro. **Military Review**, Setembro-Novembro, 2014.
- MORAES, João Batista Mascarenhas de. **Memórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

MORATORI, Daniel. A vida no Front. 2009. Disponível em: <http://avidanofront.blogspot.com/2009/12/relatorio-do-esquadrao-de.html>. Acesso em: 15 mai. 2019.

PITALUGA, Plínio. **Relatório do 1º Esquadrão de Reconhecimento/1ª Divisão de Infantaria da F.E.B.** [s.1.]. S.G.M.G. Gabinete Fotocartográfico, 1947.

PITALUGA, Plínio. **Relatório do Esquadrão de reconhecimento da FEB na Itália.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1947.

WAACK, Willian. **As duas faces da glória: a FEB vista pelos seus aliados e inimigos.** São Paulo. Planeta. 2015